



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

TICIANA SIQUEIRA FERREIRA

**AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE
TREINADORES PARA O ENSINO DE JOGADA ENSAIADA
EM BASQUETE COM CADEIRA DE RODAS**

TICIANA SIQUEIRA FERREIRA

**AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE
TREINADORES PARA O ENSINO DE JOGADA ENSAIADA
EM BASQUETE COM CADEIRA DE RODAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientadora: Dra. Silvia Regina de Souza

Londrina
2011

**Catálogo Elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F383a Ferreira, Ticiania Siqueira.

Avaliação de um Programa de Capacitação de Treinadores para o ensino de jogada ensaiada em basquete com cadeiras de rodas / Ticiania Siqueira Ferreira. - Londrina, 2011.
75 f. : il.

Orientador: Silvia Regina de Souza.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2011.

Inclui bibliografia.

1. Comportamento verbal - Análise - Teses. 2. Treinadores de atletas - Comportamento - Teses. 3. Basquetebol -Treinamento -Aspectos psicológicos -Teses. 4. Basquetebol em cadeira de rodas - Teses. I. Souza, Silvia Regina de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9.019.43

TICIANA SIQUEIRA FERREIRA

**AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE
TREINADORES PARA O ENSINO DE JOGADA ENSAIADA EM
BASQUETE COM CADEIRA DE RODAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Regina de Souza
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Sâmia Moysés Hallage
USP – São Paulo - SP

Profa. Dra. Verônica Bender Haydu
UEL – Londrina – PR

Londrina, 02 de março de 2011.

Aos meus familiares Graça, Rita de Cássia, Maria Dolores e Ana Flávia, pelo amor incondicional e por estarem, mesmo que de longe, sempre presentes em minha vida, ensinando-me a superar qualquer dificuldade encontrada em meu caminho. A vocês minha gratidão e amor eterno.

AGRADECIMENTOS

Olhando para trás e fazendo um balanço destes dois anos que se passaram, é que percebo quantas pessoas conviveram comigo. Desta forma, gostaria de agradecer a todos aqueles que, diretamente e indiretamente, colaboraram comigo. Sem o apoio e amizades de vocês a realização deste trabalho estaria comprometida. Assim gostaria de expressar minha gratidão aos seguintes:

À minha família, por todo amor, apoio, preocupação, compreensão. Agradeço a todos os tios e primos pelo apoio, suporte e demonstrações de carinho. Em especial a minha avó Dolores que soube transmitir carinho via celular. Vó, você sabe que sem você essa especialização não seria possível! A minha mãe Graça, que conseguiu administrar a distância e a saudade por uma causa nobre, educação. Por me ensinar a enfrentar dificuldades de frente e nunca achar que sou incapaz de algo. À minha tia Rita de Cássia, que acreditou em mim e me apoiou em mais essa fase. Tio Pierre e Suely, que me receberam de braços abertos e por quem me apaixonei. E por último, mas não em último lugar à minha irmã e melhor amiga Ana Flávia, que não está em minha vida por acaso. Valeu irmã, por todas as horas de fofoca, via celular, e por segurar a peteca sozinha em minha ausência. Vocês, todos vocês, são minha base e a razão da minha existência.

À minha orientadora prof Silvia, por todo conhecimento transmitido, paciência, compreensão, tolerância, motivação e acolhimento durante todo o percurso deste trabalho.

Aos meus professores do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, que me receberam e acolheram desde a inscrição. Obrigado, pelo conhecimento passado e pela atenção. Já os admirava em leituras. Estar na sala de aula com vocês e ter a honra de chamá-los de professores foi muito importante para minha formação.

Aos meus amigos e colegas de mestrado, em especial à Mari e Natty. Roomies, obrigada pela amizade e companheirismo. Todas as viagens de viação Garcia, todos os desesperos antes das aulas, os passeios, as feirinhas de quarta-feira, etc. Obrigada pela amizade.

Aos colaboradores desta pesquisa, Amanda (aluna do curso de Psicologia) e Jessé (aluno do curso de Ciências do Esporte), que me ajudaram durante o período de coleta e análise de dados.

À equipe do LABTED - Laboratório de Tecnologia Educacional da UEL, em especial ao Valdecir, Antonio Carlos e Maicon, obrigada pela ajuda, atenção simpatia e disposição durante a coleta de dados. Obrigada de verdade!

À minha família londrinense, pela participação nos momentos mais fantásticos da minha estadia. Vocês me fizeram sentir em casa e sentir que Londrina é minha casa, só faltou uma praia aqui. Vocês foram a melhor "terapia"! Obrigada gente, por me aturarem e domarem. Valeu Grazi, Susan, Fer, Noa, Cissa, Carol, Dí, Rafinha, Luciene, Lu e Cibele. E que a minha loucura seja perdoada, porque metade de mim é amor e a outra metade também! (Oswaldo Montenegro).

A todos os meus amigos que ficaram longe durante esse período, obrigada pelas informações e atualizações e por fazer parecer a cada volta, que nada mudou. Vocês são especiais e quero carregá-los comigo até o fim.

FERREIRA, Ticiania Siqueira. **Avaliação de um programa de capacitação de treinadores para o ensino de jogada ensaiada em basquete com cadeira de rodas.** 2011. 75 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo avaliar os efeitos de um programa de capacitação de treinadores sobre comportamentos verbais emitidos por um treinador de basquete com cadeira de rodas no ensino de uma jogada ensaiada. Participaram da pesquisa um treinador estudante do curso de Educação Física com 1 ano de experiência e 10 jogadores com idades entre 16 e 41 anos. A pesquisa foi dividida em cinco etapas. Na primeira etapa foi selecionada a jogada a ser ensaiada durante os treinos. Na segunda etapa, foram elaboradas as categorias para análise do comportamento verbal do treinador. Na terceira etapa, (linha de base) foram filmadas 5 sessões de treino e calculou-se a taxa de emissão de instruções, encorajamentos, correções, elogios e punições fornecidos aos atletas pelo treinador. Também foi registrado o treino da jogada e os comportamentos dos jogadores que compunham a jogada foram contabilizados. Na quarta etapa (intervenção), o treinador passou por três sessões de capacitação e os treinos continuaram a ser filmados e categorizados como na linha de base. Cada sessão consistiu em capacitar o treinador para o ensino eficaz da jogada, seguindo por base os conceitos da análise do comportamento. Na quinta etapa (pós-intervenção), foram filmadas 3 sessões de treino e os receberam o mesmo tratamento dos dados da linha de base. Os resultados mostram que, no geral, houve diminuição nas taxas de todas as verbalizações fornecidas pelo treinador. As taxas de instruções e reforços sem descrição de consequências eram as mais altas durante a linha de base. Com o início da capacitação, houve um aumento das taxas de reforços com descrição de consequências e nova queda após a última sessão de capacitação. Houve aumento na taxa de encorajamento após a oitava sessão de treino e diminuição gradativa de emissão de comentários punitivos. Os jogadores apresentaram melhora na execução da jogada sem o uso de defesa, porém apesar de ter havido melhora de 0,5% no desempenho com o uso da defesa durante o treino da jogada, essa porcentagem foi muito baixa. Os resultados sugerem, que a capacitação do treinador não foi efetiva para o ensino da jogada, porém comportamentos aprendidos durante a capacitação foram observados informalmente durante outras atividades realizadas durante as sessões de treino.

Palavras-chaves: Capacitação de treinadores. Jogada ensaiada. Basquete em cadeira de rodas. Análise do comportamento.

FERREIRA, Ticiana Siqueira. **Assessment of a coach training program for the teaching of a set piece in a wheelchair basketball team.** 2011. 75 f. Dissertation (Master's degree in Behavior Analysis) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ABSTRACT

The research had for objective to evaluate the effect of a program of qualification of trainers on verbal behaviors emitted by a trainer of basketball in wheelchair while teaches a set piece. The participants of the research were, a trainer student of the course of Physical Education with 1 year of experience, and 10 players with ages between 16 and 41 years old. The research was divided in five stages. In the first stage the set piece was selected to be assayed during the trainings. The second stage, had been elaborated the categories for analysis of the verbal behavior of the trainer. The third stage, (base line) 5 sessions of trainings had been filmed and calculated it tax of emission of instructions, encouragement, corrections, compliments and punishments supplied to the athletes for the trainer. Also he was registered the trainings of the set piece and the behaviors of the players who composed the set piece had been entered. In the fourth stage (intervention), the trainer passed for three sessions of qualification and the trainings had continued to be filmed and to be categorized as in the base line. Each session consisted of enabling the trainer to the efficient education of the play, following for base the concepts of the analysis of the behavior. In the fifth stage (after-intervention), 3 sessions of trainings had been filmed and they received the same treatment from the data of the base line. The results show that in the generality it had reduction in the taxes of all the verbalizations supplied for the trainer. The taxes of Instructions and Reinforcements without description of consequences were highest during the base line. After the beginning of the qualification it had an increase of the taxes of reinforcements with description of consequences, and new fall after finishes it qualification session. After the eighth session of trainings we can see a increase in the encouragement tax and reduction of emission of punitive commentaries. The players had presented improvement in the execution of the play without the defense use, however although they have had a 0,5% of improvement in the performance with the use of the defense during the trainings of the set piece, this percentage was very low. The results suggest, that the qualification of the trainer was not effective for the education of the play, however behaviors learned during the qualification had been observed informally during other activities carried through during the sessions of trainings.

Keywords: Qualification of trainers. Set piece. Basketball in wheelchair of wheels. Behavior analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Descrição das etapas do procedimento.....	25
Figura 2 – Categorias comportamentais usadas para avaliar o comportamento verbal do treinador.....	27
Figura 3 – Taxa de verbalizações de cada categoria ao longo das sessões treino.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –Características dos jogadores selecionados para participar da pesquisa	23
Tabela 2 –Número de tentativas da jogada em cada sessão de treino, finalizações corretas e pontos marcados.....	35
Tabela 3 –Quadro de porcentagem média do desempenho dos atletas nos treinos sem defesa nas sessões de linha de base e após a Sessão de Capacitação 1	37
Tabela 4 –Quadro de porcentagem média do desempenho dos atletas nos treinos sem defesa realizados após as sessões 2 e 3 de capacitação do treinador.....	38
Tabela 5 –Quadro de porcentagem média do desempenho dos atletas nos treinos com defesa.....	39
Tabela 6 –Ordem de execução das atividades durante o treino.....	42
Tabela 7 –Tempo médio usado em cada atividade.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MÉTODO	23
2.1 PARTICIPANTES	23
2.2 LOCAL	24
2.3 INSTRUMENTOS E MATERIAL.....	24
3 PROCEDIMENTO	25
3.1 ETAPA 1: SELEÇÃO DA JOGADA ENSAIADA	25
3.2 ETAPA 2: ELABORAÇÃO DAS CATEGORIAS PARA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO VERBAL.....	26
3.3 ETAPA 3: LINHA DE BASE.....	27
3.4 ETAPA 4: INTERVENÇÃO	28
3.5 ETAPA5: PÓS-INTERVENÇÃO	29
4 RESULTADOS	31
4.1 AVALIAÇÃO DO TREINO DE CAPACITAÇÃO.....	31
4.2 DESEMPENHO DOS JOGADORES NA JOGADA ENSAIADA	34
5 DISCUSSÃO	44
REFERÊNCIA	49
APÊNDICES	54
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	55
APÊNCIDE B – Folha de registro de frequência de verbalizações do treinador	57
APÊNDICE C – Folha de registro de frequência de treino da jogada.....	58
ANEXOS	60
ANEXO A – Exemplo de jogada ensaiada. Jogada A.....	61
ANEXO B – Quadro de desempenho dos jogadores durante o treino da jogada	62
ANEXO C – Descrição dos treinos.....	72

1 INTRODUÇÃO

O interesse de atletas e treinadores pelo trabalho dos psicólogos tem contribuído para a ampliação de um novo campo de trabalho - a Psicologia Aplicada ao Esporte (Souza, 2003). A Psicologia Aplicada ao Esporte é definida como o estudo do comportamento das pessoas envolvidas no contexto esportivo e a aplicação dos conhecimentos obtidos por meio desses estudos (Weinberg & Gould, 2001). É importante ressaltar desde o início que o trabalho do psicólogo não visa apenas à otimização do desempenho do atleta, ele visa também ao bem-estar do praticante de esporte e de atividades físicas (Souza, 2003). Deste modo a presente pesquisa trata da avaliação de uma capacitação de um treinador para o ensino de uma jogada em basquete com cadeirantes.

Como afirmam Souza, Serpa, Colaço e Canato (2009), que em psicologia aplicada ao esporte uma das áreas de trabalho e investigação focaliza-se na interação entre treinador e atleta. Dentre os trabalhos que investigam essa interação têm-se aqueles que se interessam pelas características dos treinadores percebidas pelos atletas (Black & Weiss, 1992; Bortoli, Robazza, Giabardo, 1995; Heselwood, Joyner, Burke, Geyerman, Czech, Munkasy, Zwald, 2005; Kenow & Willians, 1999; Oliveira, Voser, Hernandez, 2004, Souza et al. 2009) e aqueles que visam, por meio de programas de capacitação, orientar os treinadores com a finalidade de melhorar a interação entre eles e seus atletas (Eliotério & Marinho-Casanova, 2009; Lima & Souza, 2009; Smith Smoll, Curtis, 1979; Sudo, 2008).

Como exemplos de trabalhos que abordam as características dos treinadores preferidas pelos atletas citam-se os trabalhos de Souza et al. (2009) e de Heselwood et al. (2005). O trabalho de Souza et al. (2009) teve por objetivo investigar como atletas analisam o perfil de seu treinador (comportamento percebido) e como gostariam que ele se comportasse (comportamento ideal). Participaram da pesquisa 74 atletas praticantes da modalidade esportiva futebol, com idade entre 14 e 20 anos. Esses foram distribuídos em oito grupos de acordo com sua idade. Assim, atletas da categoria SUB - 15 foram distribuídos entre os grupos 1, 2, e 3; atletas da categoria SUB - 17 também em três grupos (4, 5 e 6); e os atletas da SUB - 20 em dois grupos (7 e 8). Os atletas foram instruídos sobre como preencher a Escala de Comportamento do Treinador - versão atleta (ECT-A), indicando primeiramente como se comporta seu treinador e posteriormente como gostariam que ele se comportasse (o treinador ideal). As respostas dos atletas em ambas as escalas foram comparadas. Os resultados não apontaram diferenças entre as médias de respostas dos grupos de atletas, mas numa análise feita questão a questão apontou respostas diferenciadas entre esses grupos. Os

dados sugerem que a maneira como os atletas percebem seu treinador difere da maneira como eles gostariam que o treinador "ideal" se comportasse. Apesar de os resultados apontarem diferenças nas respostas dos atletas no que diz respeito ao treinador percebido por eles e o treinador ideal, eles avaliaram seu treinador de forma positiva. Comparando-se as médias obtidas para o comportamento percebido pelo atleta e para o comportamento ideal, verifica-se que ela sempre foi menor para o comportamento percebido. Finalmente, os resultados sugerem, ainda, que o fato de pertencerem a diferentes categorias não significa que os atletas tenham percepções diferentes acerca do modo como se comporta o seu treinador ou sobre como gostariam que ele se comportasse.

O estudo de Heselwood et al. (2005) teve por objetivo examinar como os atletas percebiam as competências de comunicação de seus treinadores e como os treinadores percebiam suas competências no item comunicação. Em especial, o pesquisador questionou: (a) se havia diferença significativa na comunicação entre os gêneros (treinadores e treinadoras). (b) se havia relação entre a percepção dos treinadores sobre sua comunicação e as dos atletas sobre a comunicação de seus treinadores e se isso interferia na relação entre treinador e atleta. (c) se havia, de acordo com os dados, relação entre os questionários. Participaram da pesquisa 13 treinadores, sete do sexo feminino e seis do sexo masculino e 134 atletas universitárias de várias modalidades. Em princípio os treinadores foram convidados por e-mail e instruídos a convidarem suas atletas a participar da pesquisa. Como instrumentos da pesquisa foram usados o Questionário de Competência do Comunicador (CCQ) e a Escala de Competência de Comunicação Interpessoal (ICCS). Durante uma apresentação da pesquisa, um sumário escrito com o objetivo da pesquisa foi distribuído juntamente com os questionários. Enfatizou-se que a participação de todos os convocados seria opcional e que a entrega de todos os questionários respondidos seria entendido como o consentimento do participante para o uso de suas informações por parte do pesquisador. Os resultados demonstraram que os treinadores se percebem competentes no quesito comunicação, enquanto que os atletas, avaliando seus treinadores, quanto à competência em se comunicar, não foram tão favoráveis quanto esses foram.

Embora pesquisas dessa natureza sejam importantes, pois fornecem informações necessárias para que programas de capacitação mais bem elaborados possam ser oferecidos aos treinadores, os dados obtidos baseiam-se nas respostas dos atletas a questionários, escalas etc. Em vista do papel determinante dos treinadores sobre o comportamento dos atletas em treinos e jogos competitivos (Serpa, 1996), observações diretas do seu comportamento mostram-se necessárias. Interessados nesta questão Smith, Smoll e

Hunt (1977) desenvolveram o Sistema de Avaliação do Comportamento de Treinadores (*Coaching Behavior Assessment System - CBAS*). O CBAS tem sido usado em muitos estudos para realização de observação do comportamento dos treinadores em treinos e competições. Esse sistema avalia as seguintes categorias comportamentais: reforço, não-reforço, encorajamento após erro, instrução técnica após erro, punição, instrução técnica punitiva, desconsiderar o erro, manutenção da ordem, instrução técnica geral, encorajamento geral, organização e comunicação geral. Dentre as pesquisas desenvolvidas como o uso do CBAS destacam-se as de Smith, Smoll e Curtis (1979) e a de Cruz (2000).

Os efeitos de um programa de treinamento de treinadores sobre habilidades de comunicação mais eficientes com seus atletas foram investigados por Smith *et al.* (1979). Participaram desse estudo 51 treinadores e 542 atletas. Dezoito treinadores fizeram parte do grupo experimental e 16 do grupo controle sendo que três treinadores do grupo controle não completaram a pesquisa. Os treinadores foram contatados por telefone e convidados a participar das sessões de treino, nas quais seriam discutidos resultados de pesquisas já realizadas. Inicialmente, o primeiro grupo passou pelo treinamento. A sessão durou cerca de 2 horas e para auxiliar os treinadores, após terem recebido informações sobre uma interação mais positiva com os atletas, eles receberam, em um papel impresso, sugestões para uma comunicação mais eficaz com os atletas. Após o treinamento, os treinadores foram observados por 2 semanas e posteriormente liberou-se *feedback* com base nas 12 categorias apresentadas no CBAS (*Coach Behavior Assessment System - Smith, Smoll, Hunt, 1977*). Pediu-se aos treinadores que aumentassem em 25% as consequências positivas liberadas aos atletas após execução de comportamentos desejados. Os treinadores receberam formulários para monitorar o próprio comportamento a serem preenchidos logo após cada uma das 10 partidas realizadas após o treinamento. Observadores monitoraram o comportamento dos treinadores por quatro jogos. Usando o CBAS, eles registraram o comportamento dos treinadores de ambos os grupos, sem terem conhecimento de quais deles faziam parte do grupo experimental e de quais faziam parte do grupo controle. Em seguida, 82% dos atletas voltaram a ser entrevistados com a finalidade de avaliar sua percepção sobre o comportamento apresentado por seus treinadores após o treino. Os atletas preencheram ainda um inventário sobre autoestima (*Self-Esteem Inventory - Coopersmith, 1967*). A análise dos dados indicou diferença entre os dois grupos (controle e experimental) na categoria reforço. Os resultados apontam para um aumento significativo no escore para autoestima dos atletas cujos treinadores pertenciam ao grupo experimental. Com relação a resultados alcançados pelos times não se verificou diferença, embora os times dos treinadores do grupo

experimental tiveram maior número de vitórias (média 54,5%) que os times dos treinadores do grupo controle (média 44,7%). Observou-se também maior escore no inventário de autoestima dos atletas pertencentes ao grupo experimental.

A capacitação de treinadores vem sendo o centro da atenção de pesquisadores devido aos efeitos desses treinamentos sobre o comportamento dos treinadores e sua interação com os atletas. Sudo (2008), por exemplo, avaliou o efeito de um Programa de Capacitação de Treinadores para o estabelecimento de metas para seus atletas durante os treinos. Participaram da pesquisa um treinador de tênis e dois atletas com 15 e 16 anos que treinavam e competiam regularmente. A pesquisa foi dividida em três fases. Na Fase 1, de linha de base, foram filmadas 11 sessões de treinos com a finalidade de registrar e calcular a porcentagem de comportamento do treinador para as seguintes categorias: instruções, encorajamento, críticas/sarcasmos, correções e elogios. Em seguida, na Fase 2 (intervenção), composta por quatro passos - num total de 10 sessões - o treinador passou por um programa de capacitação, no qual foram ensinadas habilidades referentes a como identificar um comportamento-problema do atleta, como fazer observações e registros desse comportamento e como especificar o que era preciso ser melhorado. O programa também visava capacitar o treinador: (a) a estabelecer passos e prazos para que o comportamento-alvo fosse treinado mais sistematicamente e a fornecer instruções específicas para que as etapas fossem cumpridas; (b) a encontrar possíveis reforçadores para o comportamento de atletas e a utilizá-lo de modo contingente ao comportamento desejável desses; (c) a monitorar os progressos e a reavaliar metas. O treinador foi instruído a escolher apenas um de seus atletas para que os passos fossem aplicados e para o qual o treinador receberia auxílio da pesquisadora. Posteriormente, informou-se ao treinador que ele deveria aplicar os mesmos passos com o Atleta 2 e que nenhum auxílio lhe seria dado. Nessa fase, o treinador recebeu *feedback* durante e após os treinos do Atleta 1. Por último, na Fase 3, os comportamentos do treinador receberam o mesmo tratamento da Fase 1, sendo oito treinos filmados. Os resultados mostraram que houve aumento na porcentagem de instruções descritivas, encorajamentos, elogios descritivos e redução de comportamentos de críticas/sarcasmo durante e após a intervenção. Pôde-se observar também que os comportamentos aprendidos pelo treinador foram transferidos para o ambiente de treino com o outro atleta. Quanto ao desempenho dos atletas constatou-se que eles atingiram as metas estabelecidas pelo treinador, que relataram estar satisfeitos com o programa e que se sentiam mais comprometidos e motivados com os treinos.

Dada a importância das verbalizações do treinador sobre o comportamento dos atletas, Lima e Souza (2009) realizaram uma pesquisa que teve como objetivo avaliar os efeitos de um treinamento baseado em instruções sobre a frequência de comentários de natureza reforçadora, motivadora, irônico-repressiva e corretiva emitidos por um treinador de futsal da categoria mirim com experiência de 12 anos na modalidade. O treinador já havia participado de uma pesquisa anteriormente, na qual suas verbalizações durante os jogos haviam sido registradas (Macedo & Souza, 2009). Usando um gravador K7, o pesquisador e auxiliares devidamente treinados repetiram todas as verbalizações apresentadas pelo treinador durante os jogos. Posteriormente, na sessão de intervenção, o treinador recebeu informações e apostilas com possíveis situações problemas vividas por ele durante as competições. Essas situações foram apresentadas em forma de história em quadrinhos. Para cada situação-problema apresentada nos quadrinhos, três alternativas de respostas eram apresentadas. O treinador deveria assinalar qual delas, em seu ponto de vista estaria correta. Em seguida, as situações-problema e as opções de solução foram apresentadas e comentadas. Discutiu-se o porquê de uma determinada alternativa ser a mais adequada. Após a orientação, foi feita uma avaliação final, com verbalizações do treinador registradas em quatro jogos, posteriormente a sessão de orientação. A análise dos dados indicou que 85% dos comentários feitos pelo treinador durante esses jogos foram de natureza positiva, sendo 60% deles classificados como "instruções". Verificou-se, ainda, um aumento nos comentários de natureza reforçadora, bem como diminuição de comentários de natureza punitiva. Os resultados desse estudo sugerem a efetividade desse tipo de intervenção.

Seguindo a mesma linha de investigação de Lima e Souza (2009), Eliotério e Marinho (2009) afirmam que na maneira de atuação de muitos treinadores entende-se que há falta de conhecimento a respeito dos efeitos de suas verbalizações sobre o comportamento dos atletas. Os autores apontam duas preocupações a respeito da conduta dos treinadores durante treinos e competições: (a) o emprego de controle aversivo por parte dos treinadores durante o ensino de habilidades novas e (b) a necessidade de elaborar formas adequadas de transmitir informações para treinadores sem repertório de leitura de textos científicos. A pesquisa teve por objetivo criar um manual de orientação comportamental para treinadores e avaliar os efeitos desse programa sobre o comportamento do treinador. Para a elaboração do manual participaram dois treinadores e 60 atletas praticantes de futebol. Foi observado o comportamento do treinador em oito treinos. Em seguida, o pesquisador selecionou algumas situações de interação entre treinador e atleta em que os treinadores não procederam de maneira a aumentar a frequência de comportamento apropriados dos atletas. Após a seleção

de cinco situações, elas foram transformadas em vinhetas de quadrinhos. Cada vinheta apresentava uma interação-problema, um modo alternativo mais adequado de atuação do treinador e um modo menos adequado, como no estudo de Lima e Souza (2009). Explicações analítico-comportamentais sobre as duas formas de atuação do treinador foram fornecidas. Quando as situações apresentavam um modo inadequado de comportamento do treinador, o fundo do quadrinho era apresentado em cores chamativas como laranja e cobre. Quando o quadrinho retratava uma situação-modelo, o fundo do quadrinho apresentava cores mais suaves como o verde e o amarelo claros. Na segunda parte da pesquisa, o participante foi um treinador de um time juvenil de futebol. As verbalizações desse treinador foram registradas e analisadas de acordo com as seguintes categorias: Elogio e Incentivos, Punição, Ordem e/ou Comandos, Instruções Completas, Instruções Incompletas e Outras. As orientações prestadas ao treinador durante essa pesquisa tinham como objetivo principal aumentar a frequência de elogios e Incentivos e reduzir a frequência de Punições. O Programa de Orientação foi apresentado ao treinador em três sessões com duração de cerca de 40 minutos cada. Na primeira, expôs-se foi exposta como o comportamento do treinador influenciava o comportamento dos atletas e como seu comportamento poderia influenciar, de forma positiva, o comportamento dos atletas. Na segunda sessão, foram apresentados resultados de pesquisas empíricas que abordavam o mesmo assunto. Foi destacado como positivo o comportamento de treinadores de sucesso que condiziam com as categorias descritas, nesse trabalho e, por fim, ressaltaram-se dados de estudos que tiveram como resultado mudanças positivas no comportamento dos participantes, bem como no desempenho dos atletas. Na terceira fase, foi fornecido *feedback* ao treinador. Posteriormente, foram comparadas as frequências das verbalizações no período de linha de base, durante e após a intervenção. Observou-se aumento nas verbalizações relativas a Elogios e Incentivos e uma diminuição das verbalizações punitivas, o que sugere que as orientações do programa foram efetivas e produziram mudança na frequência do comportamento verbal do treinador. Os autores sugerem que resultados semelhantes podem ser obtidos em diferentes modalidades esportivas e por meio de diferentes formas de intervenção. Além disso, eles afirmam que a aplicação de um programa de orientação ao treinador produz resultados relevantes e rápidos sem a necessidade de altos investimentos financeiros.

As pesquisas relatadas acima demonstram a efetividade de programas de capacitação de treinadores e sugerem a necessidade de novas investigações. A presente pesquisa trata da avaliação das verbalizações de um treinador de um time de basquete com cadeirantes que passou por uma capacitação para o ensino de uma jogada ensaiada baseada

nos princípios da análise do comportamento, portanto as seções abaixo têm por finalidade discutir temas centrais desse trabalho, entre eles: (a) o ensino de jogadas ensaiadas, e (b) a prática do basquete por pessoas com deficiência física.

Os jogadores de modalidades coletivas enfrentam, conforme salienta Rose Junior (2006) além de características estruturais do esporte como a bola e a quadra/campo, as regras e características funcionais do jogo, ou seja, as situações de defesa, ataque, movimentação de outros jogadores etc. O treinamento de uma equipe nessas modalidades deve, portanto, levar em consideração tanto a técnica que a modalidade exige, como também a tática ou "inteligência de jogo". A tática corresponde às características funcionais do jogo, que irá permitir que o atleta, em determinada situação, oriente-se para uma determinada sequência de ações ao invés de outra e consiga realizar essa ação com sucesso.

Em uma partida de basquetebol, diante de uma situação ofensiva, o jogador com a posse de bola deve atentar para o ambiente que o cerca e reconhecer informações como posicionamento dos adversários e de seus companheiros e sua posição em quadra entre outras. Nesse contexto, ele precisa discriminar os sinais que são importantes para sua ação de ataque, isso é, se há um companheiro bem posicionado, se há obstáculo para que ele se aproxime da cesta, o tempo que ainda lhe resta para atacar. Todas essas informações são comparadas a situações já vividas por ele. Assim, é possível ao atleta decidir um desfecho para a situação, dentre as possibilidades de ação, em razão da configuração atual e de outras ações realizadas em configurações semelhantes. A ação termina quando o jogador toma a decisão e em seguida executa a ação motora (Greco, 1995). Diante dessa realidade, o treinamento tático deve ser conduzido de forma a ensinar aos atletas tanto esquemas fixos de movimentação e posicionamento, ou seja, jogadas ensaiadas, quanto repertórios de tomada de decisão sobre as variações que ocorrerem durante as jogadas (Garganta, 2001). A diferença propriamente dita entre os dois repertórios, reside na instrução do treinador sobre a jogada a ser realizada que, a partir dos treinamentos, deveria controlar os comportamentos dos jogadores de forma que cada um deles soubesse exatamente o que fazer (Cillo, 2003).

Uma jogada ensaiada envolve treinos de comportamentos sucessivos, ou seja, comportamentos de um ou mais jogadores que devem ocorrer ao mesmo tempo ou em sequência, a partir de determinadas características do comportamento dos adversários, regras da modalidade e o espaço físico disponível (Cillo, 2003). Dada a importância da jogada ensaiada, Cillo (2002b) conduziu um estudo no qual realizou uma análise de jogo, tendo como foco comportamento de um time de basquetebol nas jogadas de ataque. Segundo esse autor, técnicos reclamam com frequência que os atletas não cumprem, no momento de jogo, o que

foi combinado e treinado. Assim, acredita-se que o comportamento do time acaba sendo punido com a falta de sucesso nas jogadas. Para ele, por meio da análise do jogo, é possível observar se as jogadas ensaiadas durante o treino são transferidas para o jogo competitivo. Seu trabalho foi composto por dois estudos. O primeiro avaliou o desempenho tático dos jogadores destacando jogadas de ataque previamente ensaiadas e sua relação com a produção de resultados na modalidade. O segundo estudo foi realizado com outro time de basquete e explorou a análise de jogo por meio da avaliação de situações específicas de ataque. Em vista dos objetivos do presente estudo será descrito e discutido apenas o Estudo 1.

Participaram do Estudo 1 de Cillo (2002) onze jogadores de uma equipe de basquete que disputava um campeonato estadual no ano de 2000. Inicialmente foram cedidas, pelo técnico, planilhas com 18 modelos de jogadas. Dessas, o pesquisador selecionou 10 para serem registradas durante a coleta de dados. Foram filmados e registrados 47 jogos durante uma temporada. O autor não levou em consideração os treinos dessas jogadas em seu estudo. Ele registrou simultaneamente as jogadas em vídeos e em folhas de registro manualmente. Em seguida, realizou a análise dos jogos considerando o número de ocorrência de cada jogada, os resultados produzidos e o posicionamento inicial dos jogadores, logo após a instrução da jogada. Foram identificadas 64 jogadas passíveis de análise durante os jogos. Dessas, 24 produziram pontos diretamente ou chances de pontos, 17 tiveram continuidade de posse de bola e em 23 houve perda de bola sem pontuação. Constatou-se, ainda, que os jogadores que finalizaram mais vezes atendiam às instruções, no referente à posição inicial. Com relação à escolha das jogadas a serem realizadas, em razão do tipo de marcação, os armadores acertaram em 58 das 64 oportunidades; a maioria dos erros deveu-se a uma inadequação da marcação existente que ocorreu durante a escolha de uma jogada específica. O autor discute que, no caso de se poder analisar o grau com que os jogadores atenderam às instruções, é possível, também, avaliar o quanto o desempenho apresentado nos treinos foi transferido para os jogos. Essas informações são valiosas para que o treinador possa elaborar treinamentos que permitam que os comportamentos treinados sejam apresentados em jogo.

Os estudos descritos até o presente momento foram conduzidos com atletas ou praticantes de alguma modalidade esportiva que não apresentavam qualquer tipo de deficiência. O desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiências aponta a necessidade de mais investigações com esta população. O Censo demográfico 2000 informa que cerca de 24,5 milhões brasileiros têm algum tipo de deficiência. Desses, 27% têm deficiência física. Entre essa população estão os indivíduos com lesão medular (IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009). Lesões medulares podem ser definidas

como condições adquiridas, resultantes de uma lesão da vértebra e/ou dos nervos da coluna vertebral e podem causar danos em uma região específica. A função é perdida tanto por causa da morte das células na região, como pela interrupção das fibras nervosas que carregam as informações aferentes e eferentes (Gorgatti & Costa, 2005).

O desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiências físicas teve sua origem com a reabilitação dos veteranos da Segunda Guerra Mundial, particularmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. No Brasil, o esporte adaptado teve início em 1957 com o basquetebol em cadeira de rodas. No ano seguinte, 1958, a Itália se preparava para sediar as Olimpíadas de Verão, quando o diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, Antônio Maglia, propôs que os Jogos de Mandeville do ano de 1960 se realizassem em Roma, após as Olimpíadas. Aconteceram então os primeiros Jogos Paraolímpicos, as Paraolimpíadas. A competição teve o apoio do Comitê Olímpico Italiano e contou com a participação de 240 atletas de 23 países. Em 2008, na China, os Jogos Paraolímpicos contaram com a participação de 98 países e aproximadamente 4.200 atletas. O Brasil obteve 47 medalhas: 16 de ouro, 14 de prata e 17 de bronze. No período entre os jogos realizados em Roma e os realizados na China, verificou-se que os esportes com atletas deficientes ganharam notoriedade e *status* suficiente para alcançar a mídia e os patrocinadores. Hoje, existem paratletas profissionais do esporte. As disputas nas Paraolimpíadas são tão acirradas quanto as dos atletas não-deficientes (Lyra, 2009). A amplitude que tomou os Jogos Olímpicos adaptados levou à maior divulgação da mídia em vista dos resultados expressivos que esses atletas têm obtido.

No contexto esportivo, constata-se que a preocupação inicial com deficientes praticantes de alguma modalidade esportiva eram a saúde e a inclusão social que o esporte poderia proporcionar a essa população. Contudo, com o desenvolvimento dos jogos competitivos adaptados e com a maior chance de "profissionalização" do esporte para deficientes, o aprendizado de habilidades e aperfeiçoamento de desempenho passam a ser também foco de atenção. Segundo Rúbio (2008), podemos entender como atividade de reabilitação o atendimento a deficientes que têm a prática regular de esporte como uma forma de buscar bem-estar e socialização. No entanto, se essa prática se torna competitiva, os procedimentos adotados são os de alto rendimento, uma vez que o objetivo central dessa prática passa a ser o resultado.

A prática esportiva das pessoas com deficiência possibilita o autoconhecimento e a superação de limites diante de sua condição corporal. Muitos desses atletas encontram prazer em sua nova condição de vida por meio do esporte. Andrade (2008) enfatiza que por consequência do atual nível do esporte adaptado, faz-se necessário utilizar a

Psicologia do Esporte também para atletas deficientes. Ele chama atenção para uma revisão de conceitos e técnicas da Psicologia que são utilizados com atletas não-deficientes e afirma que não é necessário criar uma Psicologia específica para essa população e sim que se façam ajustes que respeitem as particularidades desses atletas.

Para Hanrahan (1998), ao trabalhar com deficientes, o que o psicólogo deve levar em consideração é o fato de estar trabalhando com atletas e não simplesmente com pessoas com necessidades especiais. Suas limitações físicas devem ser consideradas, mas não como fator que limite seu treinamento. Portanto, atletas com deficiência devem ser preparados como atletas que não apresentam essa condição, já que qualquer pessoa tem limitações.

Verifica-se que, apesar da notoriedade que o esporte com pessoas deficientes tem ganhado, pesquisas que têm como participantes essa população ainda são escassas (Andrade, 2008). O que ocorre é o uso de resultados de pesquisas feitos com atletas não-deficientes para atletas com deficiência. Em sua maioria, as pesquisas realizadas com deficientes estão relacionadas à área da saúde ou à da Educação Física. Os trabalhos na área da saúde tratam a relação entre a prática da atividade física e esporte e o bem-estar dos praticantes. Como exemplo, citam-se os trabalhos de Gorla et al. (2007); Hicks et al. (2003) e Quintana e Neiva (2008). As pesquisas na área de Educação Física discutem as dificuldades encontradas por cadeirantes na prática de esporte e suas preferências quanto à modalidade a ser praticada (Gorgatti et al., 2008 e Leoni & Zamai, 2006). Na área da Psicologia, poucos estudos são voltados para o aperfeiçoamento dos atletas deficientes na modalidade praticada, podendo-se destacar aqueles que investigam os motivos que os levam à prática ou à desistência do esporte.

Souza et al. (2007) realizaram uma pesquisa com atletas com lesão medular praticantes de basquetebol. A pesquisa investigou os motivos que levam esta população à prática do esporte, bem como os motivos que poderiam contribuir para o abandono desse esporte. Os participantes foram 13 atletas cadeirantes que preencheram um questionário de motivação para a prática do esporte. Entre os motivos que colaboram para a permanência desses atletas na prática do esporte foram citados: prazer da prática do esporte; aprendizado de novos movimentos e técnicas esportivas; conquista de novos amigos, colaboração com outras pessoas e melhora do desempenho esportivo. Como motivos que levariam ao abandono do esporte foram apontados problemas de saúde e lesões esportivas.

Basquete em cadeira de rodas é um esporte para indivíduos com deficiência física permanente na parte inferior do corpo. Exige do jogador um bom condicionamento

físico, raciocínio, reflexos rápidos, além de habilidade no manejo de sua cadeira. (Federação Internacional de Basquete em Cadeira de Rodas - IWBF, 2006).

As regras do basquete em cadeira de rodas são semelhantes às do jogo de basquete tradicional. São feitas apenas algumas modificações para as quais se leva em consideração a cadeira de rodas, a mecânica da sua locomoção e a necessidade de jogar sentado. Como no basquete tradicional, são cinco jogadores em cada uma das equipes, com dois períodos de 20 minutos, usando-se 24 segundos de posse de bola. No caso de empate no fim do segundo período, faz-se uma prorrogação de 5 minutos para o desempate. Pelo fato dos atletas, obrigatoriamente, jogarem sentados na cadeira de rodas, algumas modificações foram feitas nas regras do jogo. Entre elas cita-se: (a) o jogador só pode impulsionar as rodas duas vezes antes de driblar, passar, ou arremessar a bola (b) se o jogador impulsionar as rodas três vezes, incluindo movimentos de pivô, isso será considerado violação de percurso.

Como o basquetebol convencional, o basquete com cadeira de rodas é jogado por duas equipes de 5 jogadores cada uma. As equipes têm por objetivo jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe se apodere dela ou faça pontos. A tabela (onde fica a cesta) é localizada na mesma altura do jogo para os jogadores profissionais adultos situada a 3,05 metros do chão (IWBF, 2006). A bola poderá ser passada, arremessada, batida por tapas, rolada ou driblada em qualquer direção, respeitadas as restrições impostas pelas regras do jogo (Regras Oficiais de Basquetebol, 2004 - Cbb - Confederação Brasileira de Basquetebol).

A partida consta de quatro períodos de 10 minutos cada. Há um intervalo de 2 minutos entre o primeiro e o segundo período; e entre o terceiro e quarto período. Entre o segundo e o terceiro período, há um intervalo de 15 minutos. Uma cesta é marcada quando a bola entra na cesta por cima, podendo permanecer ali ou passar. A pontuação varia de um a três levando em consideração o posicionamento do atleta na quadra durante o arremesso. Um jogador não pode passar mais de 5 segundos com a posse da bola (ele deve passar, arremessar ou driblar), também não pode locomover-se com a bola. A zona de defesa de uma equipe consiste no espaço onde fica a cesta da equipe, na parte da frente da tabela e na parte da quadra limitada pela linha de fundo (atrás da tabela daquela equipe, nas linhas laterais e na linha central). A zona de ataque da equipe consiste no espaço onde fica a cesta do adversário, na parte da frente da tabela e na parte da quadra limitada pela linha final atrás da cesta de seus adversários, (nas linhas laterais e na margem da linha central mais próxima à cesta de seus adversários). Sempre que um jogador ganha o controle da bola em sua zona de defesa, sua equipe deve fazer com que a bola chegue a sua zona de ataque, ou seja, deve passar do meio

da quadra, dentro de 8 segundos. A equipe tem 24 segundos para atacar, ou seja, ao ganhar o controle de uma bola, a equipe deverá tentar um arremesso para a cesta dentro desse tempo (Jacobs, 1988).

Quanto aos aspectos técnicos, são considerados os fundamentos do jogo (controle de corpo, manejo de bola, passes, drible, arremessos e o rebote). O aspecto tático no basquetebol aparece como uma forma de facilitar o objetivo do jogo utilizando-se a somatória das capacidades e habilidades individuais dos jogadores. A atuação individual passa a ser realizada em função da equipe que, para isso, é previamente organizada, planejada e treinada. O esporte adaptado vem ganhando espaço no calendário competitivo em todo o mundo. Os atletas passam a ser visto com a mesma seriedade de atletas sem deficiência. A formação de delegações faz crescer as oportunidades para que deficientes físicos pratiquem esportes. O estado do Paraná conta com nove equipes de basquete com cadeira de rodas. Em novembro de 2009, essas equipes se encontraram na cidade de Ponta Grossa. Durante esse encontro, técnicos discutiram diretrizes e direcionamentos para a modalidade esportiva no estado.

2 MÉTODO

2.1 PARTICIPANTES

Tabela 1 – Características dos jogadores selecionados para participar da pesquisa.

Jogador	Sexo	Idade	Tempo de treino	Frequência P/T (%)	Escolaridade	Tempo de lesão
J2	Feminino	16 anos	1 ano	9/14 (64%)	E. M. I.	3 anos
J3	Masculino	29 anos	3 anos	8/14 (57%)	E. F. I.	4 anos
J4	Masculino	25 anos	2 anos	7/14 (50%)	E. F. I.	5 anos
J6	Masculino	41 anos	2 anos	9/14 (64%)	E. F. I.	3 anos
J7	Masculino	22 anos		8/14 (57%)	E. F. I.	22 anos
J8	Masculino	22 anos	1 ano	7/14 (50%)	E. M. I.	2 anos
J10	Masculino	23 anos	1 ano	7/14 (50%)	E. M. C.	4 anos
Jii	Masculino	35 anos	2 !/ anos	9/14 (64%)	E. M. I.	14 anos
J12	Masculino	17 anos		8/14 (57%)	E. F. I.	3 meses
J14	Masculino	21 anos		11/14 (78%)	E. F. I.	2 anos

Nota: Menos de um ano de treino; P/T = Quantidade de presenças e total de treinos; E.F.I = ensino fundamental incompleto; E.M.I = ensino médio incompleto; E.M.C = ensino médio completo).

Além de um treinador, aluno do 4º ano do curso de Educação Física, participaram da pesquisa 10 atletas com idade entre 16 e 41 anos. Suas características estão dispostas na Tabela 1. Os jogadores são deficientes físicos com lesão medular ocorrida por acidente automobilístico, mergulho, ferimento por arma de fogo ou traumatismo raquimedular. Todos são participantes de um projeto da Universidade de Londrina - UEL, voltado para a saúde e bem-estar do deficiente físico por meio da prática de esportes. Todos os atletas iniciaram a prática do basquete através do projeto, sendo a maior parte da equipe de iniciantes. Três participantes (J7, J12 e J14) começaram a treinar durante o início da pesquisa. Verifica-se ainda na tabela 1, que a idade dos participantes variou entre 16 e 41 anos e que apenas um dos participantes era do sexo feminino. Quanto à escolaridade, constata-se que 60% deles possuem o ensino fundamental incompleto e que sete treinam há mais de um ano. O treinador nunca havia participado de um programa de capacitação e os atletas nunca haviam treinado uma jogada ensaiada.

2.2 LOCAL

Os jogadores treinam por 2 horas duas vezes por semana, no período da tarde, em uma quadra coberta. A coleta de dados foi realizada no local de treino dos jogadores.

2.3 INSTRUMENTOS E MATERIAL

Para a coleta e análise de dados, foram usados uma câmera disposta em um ponto fixo que captava imagem de toda a quadra e DVDs, e uma folha para representação gráfica da jogada. Durante a fase de capacitação do treinador e, posteriormente, na capacitação dos observadores foram usados DVDs editados com as gravações feitas durante a primeira etapa da coleta de dados, folhas com conceitos da análise do comportamento e verbalizações do próprio treinador impressas - folha para o registro das verbalizações do treinador e quantificação das jogadas ensaiadas.

Folha para representação gráfica da jogada. Esquema, em quadros, que mostram o posicionamento de cada jogador na jogada ensaiada (ver ANEXO A).

Folha para o registro das verbalizações do treinador e quantificação das jogadas ensaiadas. Uma tabela foi confeccionada para o registro das verbalizações do treinador (APÊNDICE 2) e para análise das jogadas ensaiadas (data do treino, número de vezes em que a jogada foi treinada por dia de treino, quantidade de acertos e erros cometidos pelos jogadores durante o treino, posicionamento inicial dos jogadores, movimentação após início da jogada e desfecho da jogada - APÊNDICE C).

3 PROCEDIMENTO

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos atletas e treinador teve início a fase de coleta de dados. Todos os treinos regulares e jogos coletivos foram filmados. O trabalho foi composto por cinco etapas. A Tabela 2 apresenta a descrição de cada uma das etapas do procedimento.

Figura 1 – Descrição das etapas do procedimento.

Número da etapa	Etapa
Etapa 1	Seleção da jogada ensaiada
Etapa 2	Elaboração das categorias para análise do comportamento verbal do treinador.
Etapa 3 (Linha de base)	Treino das jogadas pelo treinador e registro das sessões de treino.
Etapa 4 (Intervenção)	Capacitação do treinador e registro das sessões de treino.
Etapa 5 (Pós-intervenção)	Treino das jogadas pelo treinador, registro das sessões de treino e capacitação de observadores.

3.1 ETAPA 1: SELEÇÃO DA JOGADA ENSAIADA

Inicialmente, pediu-se ao treinador que, a partir do desempenho apresentado pelos jogadores nos treinos, selecionasse uma jogada para ser ensaiada. Após a seleção da jogada, foi entregue ao treinador a folha para a representação gráfica da jogada. Nessa folha, o treinador deveria desenhar a movimentação dos atletas em quadra para a realização da jogada ensaiada. Com base no desenho da jogada ensaiada, foram selecionados nove comportamentos que deveriam ser realizados pelos atletas para que conseguissem desenvolvê-la corretamente. Os comportamentos selecionados estão descritos abaixo.

- C1. Os três jogadores posicionados
- C2. Armador passa a bola para um lateral
- C3. Lateral 1 recebe a bola
- C4. Lateral 2 faz corta-luz
- C5. Lateral 1 devolve a bola para o armador C6. Armador recebe a bola
- C7. Armador invade o garrafão pela frente do lateral 2
- C8. Lateral 2 gira a cadeira e segue o armador
- C9. Armador lança a bola para a cesta

3.2 ETAPA 2: ELABORAÇÃO DAS CATEGORIAS PARA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO VERBAL

As categorias elaboradas para esta pesquisa foram adaptadas de Sudo (2008). Ao todo foram escolhidas oito categorias como descrito na Figura 2.

Figura 2 – Categorias comportamentais usadas para avaliar o comportamento verbal do treinador. Adaptado de Sudo (2008). Nota. O termo punição está sendo empregado aqui mas não leva em consideração o efeito sobre o comportamento do atleta.

Categoria	Descrição	Exemplo
INSTRUÇÕES SEM DESCRIÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS	O treinador verbaliza o que o atleta deve fazer durante um exercício, no treino, mas não descreve as consequências do comportamento instruído.	“Vai D. tem que ser mais rápido”
INSTRUÇÃO COM DESCRIÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS	O treinador verbaliza o que o atleta deve fazer durante um exercício, no treino, e explica por que aquela habilidade deve ser mais bem treinada ou especifica as consequências do seguimento das instruções fornecidas.	“D. o arremesso é mais pra cima, tá muito reto” “Espera, espera! Isso, agora sai. Na hora que o E. chegar você sai. E gira, tem que girar junto! Se não você fica sem função no meio aí.”
ENCORAJAMENTO	Encorajar os atletas a terminarem um exercício, a persistirem em uma atividade difícil. Incentivar os atletas a seguirem a instrução sem especificar a instrução.	“Vai J., vai forte pra cesta!” “Vai D. tem que ser mais rápido”
CORREÇÕES SEM DESCRIÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS	Dizer ao atleta que existe uma habilidade que está sendo executada incorretamente e enfatizar apenas o que o atleta não deve fazer.	“Passe muito atrás”
CORREÇÃO COM DESCRIÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS	Dizer ao atleta que existe uma habilidade que está sendo executada incorretamente e explica os motivos pelos quais ele considera incorreto, ou ainda descreve o que o atleta não deverá fazer e as consequências do comportamento que não deve ocorrer.	“Quanto mais você arremessar só de direita no treino, mais vai errar a esquerda no jogo”
ELOGIO SEM DESCRIÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS	Elogiar sem descrever o que o atleta acertou.	“Isso!”
ELOGIO COM DESCRIÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS	Elogiar e verbalizar o que o atleta fez corretamente, especificando o comportamento adequado ou, ainda, descrevendo as consequências que ocorreram após o comportamento adequado.	“Isso! Você não ficou parado, viu que tinha espaço por aqui e se apresentou, daí ele conseguiu passar a bola pra você”
PUNIÇÃO	Repreender, criticar, ser sarcástico ou desaprovar o erro do atleta de maneira geral.	“Para, isso é errado!”

3.3 ETAPA 3: LINHA DE BASE

Treino das jogadas pelo treinador e registro das sessões de treino (Linha de base). O treinador foi instruído a orientar seus atletas quanto à execução da jogada. A seguinte instrução foi dada ao treinador "*Essa foi a jogada selecionada para ser ensaiada com os atletas. Eu gostaria que você a ensinasse a eles*". Em seguida, realizou-se a observação do ensino da jogada pelo treinador durante 2 meses. Para efeito de análise, foram consideradas apenas as cinco últimas sessões de treino antes do início da intervenção, pois durante o período de observação apenas as cinco últimas foram realizadas com menos espaçamento entre elas. Questões como gripe suína, períodos longos de avaliação física dos atletas entre outras interferiram com os treinos.

3.4 ETAPA 4: INTERVENÇÃO

Capacitação do treinador e registro das sessões de treino (Intervenção).

Nesta etapa o treinador passou por quatro sessões de capacitação descritas mais detalhadamente a seguir.

Sessão 1. A sessão teve cerca de 25 minutos de duração e seu objetivo foi discutir com o treinador a jogada (passe de bola, corta-luz, entrada no garrafão e posicionamento de laterais), identificando com ele quando a jogada foi executada corretamente e quando não foi. Para isso, a pesquisadora apresentou um DVD com cerca de 8 minutos com cenas de treino da jogada, mas com movimentações dos atletas duvidosas. O treinador foi questionado sobre as situações das jogadas, devendo responder em qual delas e jogada poderia ser considerada correta. Seguindo o padrão apontado pelo treinador, a tabela de observação da jogada (ANEXO A) pôde ser concluída.

Sessão 2. A sessão teve cerca de 35 minutos de duração e nela foram apresentados e discutidos alguns conceitos da Análise do Comportamento. Os conceitos discutidos foram: comportamento, reforço, punição, modelagem, modelação e motivação. Esses conceitos foram selecionados para discussão, dada a sua relevância para a execução da jogada ensaiada. A partir desses esclarecimentos, falou-se da importância do comportamento do treinador no que diz respeito ao comportamento dos jogadores. Em seguida, foi apresentado um DVD com imagens editadas dos treinos da jogada. Durante as cenas, foram apontados comportamentos do treinador que poderiam ser melhorados na interação com o atleta, por exemplo, comportamentos que poderiam ter sido reforçados e não o foram.

Sessão 3. Nessa sessão trabalhou-se a comunicação entre treinador e atletas. A sessão teve cerca de 40 minutos de duração e começou com a apresentação de um DVD,

sem cortes, com cenas de um treino realizado após a Sessão 2 de capacitação. Durante a apresentação das imagens, o comportamento adequado do treinador, como elogiar acertos, dar instruções considerando-se o nível de dificuldade apresentado pelo atleta, uso de modelação para instruí-los, entre outros foi elogiado. Nessa sessão ainda, chamou-se a atenção do treinador para as consequências do seu comportamento sobre o comportamento dos atletas. Em seguida, foram entregues, ao treinador, papéis com o nome das categorias comportamentais usadas para avaliar o comportamento verbal do treinador (Figura 2). O papel era entregue ao treinador com a seguinte instrução: "*_ O que você entende quando se fala sobre dar uma instrução parcial? O que você acha que isso significa?*". Após a explicação do treinador, a definição da categoria era lida por ele e discutida pela pesquisadora. Posteriormente, frases ditas pelo treinador durante os treinos, impressas em folha de sulfite, foram apresentadas a ele pedindo-se-lhe que as separasse de acordo com as categorias discutidas anteriormente pela pesquisadora. Foi fornecido *feedback* pelo pesquisador para emparelhamentos corretos e incorretos.

Sessão 4. A sessão teve cerca de 23 minutos de duração. Seu objetivo foi esclarecer dúvidas sobre os assuntos debatidos nas sessões anteriores, reforçar os conceitos ensinados anteriormente e dar *feedback* de treinos realizados após as sessões de capacitação. Para dar *feedback*, cenas de um treino realizado pelo treinador foram apresentadas e os comportamentos apropriados emitidos por ele foram elogiados e comportamentos considerados pela pesquisadora como inapropriados (por exemplo, não elogiar acertos, não dar instruções ou correções completas) foram corrigidos.

3.5 ETAPA5: PÓS-INTERVENÇÃO

Treino das jogadas pelo treinador e registro das sessões de treino (Pós-intervenção). Com exceção da Sessão 1 de capacitação, na qual apenas duas sessões foram filmadas, nas demais realizaram-se três sessões de pós-intervenção. Nessas sessões, os treinos foram filmados para posterior análise.

Capacitação de observadores. Dois observadores, um aluno do curso de Psicologia e um do curso de Ciências do Esporte, participaram de um *miniworkshop*, no qual foram instruídos sobre como realizar a transcrição dos dados. Um dos observadores ficou responsável por analisar as verbalizações emitidas pelo treinador nos treinos e o outro responsável pela análise das movimentações dos atletas durante a jogada ensaiada.

A capacitação dos observadores foi realizada com cada uma dos alunos individualmente.

As folhas com as categorias que deveriam ser analisadas foram entregues aos observadores (Tabela 3, APÊNDICE B e APÊNDICE C) discutindo-se, com eles cada uma das categorias. Em seguida, um DVD com a filmagem de um treino foi apresentado e pediu-se que realizassem a análise da mesma a partir das categorias anteriormente discutidas. Posteriormente, a análise feita pelos observadores foi comparada à realizada pela pesquisadora. Os observadores foram considerados aptos para realizar o registro dos dados quando o registro feito por eles atingissem, pelo menos, 80% de concordância com o registro feito pela pesquisadora.

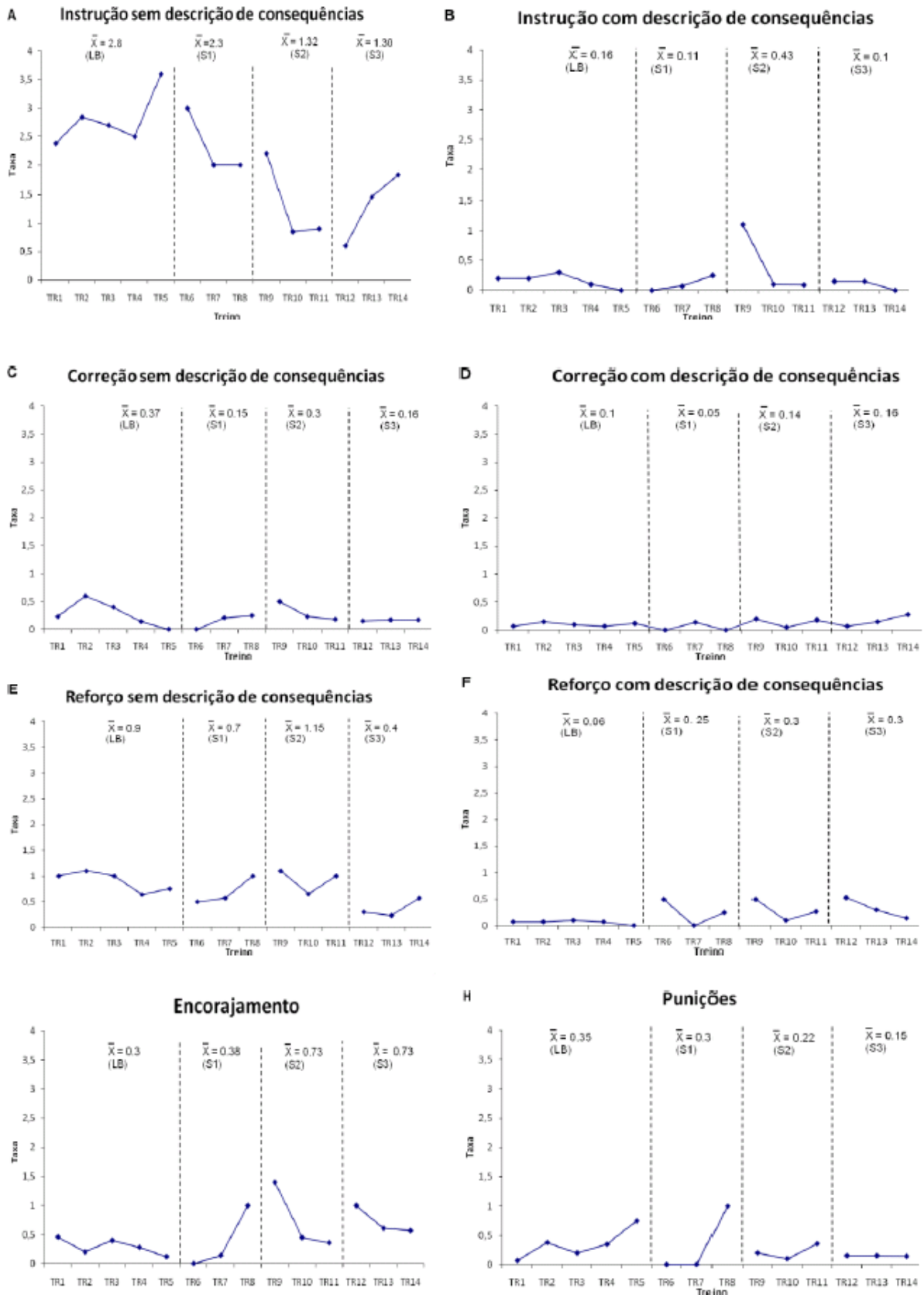
4 RESULTADOS

4.1 AVALIAÇÃO DO TREINO DE CAPACITAÇÃO

A Figura 3 apresenta a taxa de verbalizações de cada categoria analisada na interação do treinador com seus atletas ao longo do estudo. Devido à diferença na duração das sessões de treino das jogadas, as verbalizações feitas pelo treinador foram analisadas dividindo-se o número de comentários feitos por ele, de acordo com cada categoria, pelo tempo do treino (taxa). Foram registrados e analisados os comentários feitos apenas no momento do treino da jogada.

Verifica-se que as *Instruções sem descrição de consequências* (ISDC) e *Reforço sem descrição de consequências* (RSDC) foram as categorias que apresentaram maior taxa média (2,8 e 0,9, respectivamente) na fase de linha de base, quando comparadas às demais categorias analisadas (Figura 3, Gráficos A e E).

Figura 3 – Taxa de verbalizações de cada categoria ao longo das sessões treino. As linhas pontilhadas indicam o momento em que foi realizada a sessão de capacitação. (LB = Linha de Base; S1/S2/S3 = blocos de treinos que ocorreram após cada sessão de capacitação; \bar{X} = média).



Observa-se que na Figura 3 (Gráfico A) as instruções sem descrição de consequência ocorreram com alta frequência ao longo de todo o estudo. Com o início da capacitação, pode-se observar uma diminuição na taxa desse tipo de instrução. Para a categoria *Instrução com descrição de consequências* (Figura 3, Gráfico B) observa-se que, nas primeiras sessões de capacitação, houve redução na taxa média dessas instruções (de 0,16 na linha de base para 0,11 nas sessões de treino 6, 7 e 8). Contudo nas Sessões de Treino 9, 10 e 11, a taxa média aumentou de 0,11 para 0,43. Esse aumento pode ser explicado pelo aumento no número desse tipo de instrução na Sessão de Treino 9 (TR9). Na primeira sessão de capacitação, discutiu-se com o treinador a importância das instruções com descrição das consequências, mas isso foi abordado com maior ênfase na segunda sessão de capacitação, ou seja, antes da Sessão de Treino 9. Observa-se, ainda, que o comportamento de dar instruções com descrição de consequência não se manteve durante o ensino da jogada ensaiada após a Sessão 9. Observações informais mostraram que em outros momentos do treino (aquecimento, trabalho de habilidades como passe etc.) houve instruções com descrição das consequências.

Para as categorias *reforço sem descrição de consequências* e *reforço com descrição de consequências* (Figura 3, Gráficos E e F), observa-se que, ao longo de todo o estudo, os reforços sem descrição de consequências foram emitidos com maior taxa. Com o início das sessões de capacitação, houve um aumento na taxa média da categoria *reforço com descrição de consequência* e redução na taxa média da categoria *reforço sem descrição de consequência* (blocos de sessões 6, 7 e 8 e 12, 13 e 14). Nas três sessões de capacitação, discutiu-se com o treinador a importância de reforçar comportamentos apropriados e o fazê-lo descrevendo as consequências da execução correta do movimento. Apesar desses resultados, após a segunda sessão de capacitação, constata-se um aumento na taxa média de reforços sem descrição de consequências.

Os comentários corretivos sem descrição de consequências foram emitidos em maior taxa que os emitidos com descrição de consequências conforme pode-se observar na Figura 3 (Gráficos C e D). Constata-se, no entanto, que para ambas as categorias, a taxa de respostas é baixa, o que dificulta uma análise mais precisa acerca dos efeitos das sessões de capacitação sobre comentários dessa natureza feitos pelo treinador.

Quanto à categoria *Encorajamento* (Figura 3, Gráfico G), verifica-se que, após a Sessão de Treino 8, houve um aumento na taxa média para essa categoria que se manteve até o final do estudo. É importante assinalar que, apenas na segunda sessão de capacitação, discutiu-se com o treinador a importância de encorajar os jogadores, mesmo após o erro.

Finalmente, para a categoria *Punição* (Figura 3, Gráfico H) pode-se observar uma diminuição gradativa na taxa média de respostas de 0,35 na fase de linha de base para 0,3, 0,2 e 0,15, nas sessões realizadas após as Sessões de Capacitação 1, 2 e 3. O conceito de punição e seus efeitos sobre o comportamento foram discutidos com o treinador desde a primeira sessão de capacitação. É importante esclarecer que na Sessão de Treino 8 houve uma alta taxa de comentários punitivos. Nessa sessão, o treinador reclamou com os atletas sobre a sua falta de atenção no treino e chamou sua atenção para comportamentos incompatíveis com essa condição (por exemplo, conversar excessivamente com os companheiros, não atentar para o que o treinador exigia etc.), o que pode ter produzido o aumento no número de comentários punitivos e irônico-repressivos. Embora em outras sessões de treino, o treinador tenha, em alguns momentos, chamado a atenção dos jogadores, na Sessão 8, o tempo usado para chamar a atenção dos atletas foi maior.

4.2 DESEMPENHO DOS JOGADORES NA JOGADA ENSAIADA

O time era composto por 16 jogadores no início do estudo. Ao todo, foram realizadas 14 sessões de treino da jogada. Duas sessões foram realizadas em dezembro de 2009 (TR1 e TR2) e as demais sessões ocorreram entre os meses de março e maio de 2010. Dos 16 jogadores que compunham a equipe, apenas 10 participaram da pesquisa. Eles foram selecionados para participar, porque estiveram presentes em pelo menos 50% dos treinos. A Figura 6 mostra a relação dos 10 jogadores, sexo, idade, tempo de treino, a frequência com que eles compareceram aos treinos durante o período da pesquisa, escolaridade e tempo desde quando ocorreu a lesão.

A Tabela 2 apresenta a quantidade de tentativas de realização da jogada em cada treino, o número e a porcentagem de finalizações corretas da jogada, isto é, execução dos nove comportamentos que compõem a jogada ensaiada; o número e a porcentagem de cestas, ou pontos marcados.

Tabela 2 –Número de tentativas da jogada em cada sessão de treino, finalizações corretas e pontos marcados (cestas).

	Treino	N. Jogadas	Finalizações (C9)	Pontos (cestas)
Linha de Base	TR1	23	(65%)	(4%)
	TR2	23	(74%)	(17%)
	TR3	18	(83%)	(28%)
	TR4	28	(60%)	(25%)
	TR5	17	(58%)	(11%)
Total (% de acertos)		109	(68%)	(17%)
Sessão 1	TR6	9	(100%)	(22%)
	TR7	34	(65%)	(26%)
	TR8	10	(100%)	(20%)
Total (% de acertos)		53	(77%)	(24,5%)
Sessão 2	TR9 S/D	16	(73%)	(15%)
	TR9 C/D	1	0	0
	TR10 S/D	14	(85%)	(29%)
	TR10 C/D	10	(6%)	0
	TR11 C/D	23	0	0
Total S/D (% de acertos)		30	(77%)	(22%)
Total C/D (% de acertos)		34	(3%)	0 (%)
Sessão 3	TR12 C/D	18	0	0
	TR13 C/D	22	(4%)	0
	TR14 S/D	4	(100%)	(50%)
	TR14 C/D	16	(6%)	(6%)
Total S/D (% de acertos)		4	(100%)	(50%)
Total C/D(% de acertos)		56	(3,5%)	(2%)

Nota: SD = treino da jogada sem defesa; C/D = Treino da jogada com defesa.

O número de tentativas de realização da jogada variou ao longo dos treinos, sendo mais numerosas as jogadas sem defesa (195 jogadas sem defesa e 90 jogadas com defesa). Observa-se um aumento na porcentagem média de finalizações corretas sem defesa ao longo dos treinos (de 68% na Linha de Base para 77% após a Sessão de Capacitação 1, de 79% após a Sessão de Capacitação 2 e para 100% de finalizações corretas nos treinos ocorridos após a Sessão de Capacitação 3). Quanto às finalizações com defesa verifica-se que a porcentagem de acerto é menor, o que se justifica dado o grau de dificuldade da tarefa (porcentagem média de 0% na Linha de Base para 3% após a Sessão de Capacitação 2 e de 3,5 % de finalizações corretas nos treinos ocorridos após a Sessão de Capacitação 3). O ensino da jogada com defesa é importante, pois, nos jogos, ela é sempre usada contra a defesa de um time adversário. Chama-se atenção para o fato de a jogada só ter sido ensaiada com defesa nos treinos após a Sessão de Capacitação 2, o que impossibilita avaliar o desempenho dos participantes antes desta sessão (Linha de Base). Para que os treinos com defesa ocorressem, os jogadores deveriam realizar pelo menos algumas vezes a jogada sem defesa; por essa razão, nenhuma jogada com defesa foi realizada durante as sessões de Linha de Base.

Observa-se, ainda, na Tabela 2, que na Sessão de Treino 9 (TR9 S/D), houve uma redução do número de finalizações corretas quando se compara essa sessão com a do Treino 8 (TR8). Na TR 9 S/D estavam presentes jogadores com pouco tempo de treino (J7, J12 e J14). O J7 errou os movimentos C1 duas vezes (três jogadores posicionados), C3 três vezes (lateral 1 recebe a bola) e C4 duas vezes (lateral 2 faz corta luz), e o grupo no qual este jogador estava presente não conseguiu finalizar metade das jogadas ensaiadas durante toda a sessão de treino. Isso pode ter contribuído para a redução do número de finalizações corretas, nessa sessão. Quando se observam as verbalizações do treinador nessa sessão, constata-se um aumento no número de instruções, principalmente instruções com descrição de consequências, que voltam a diminuir nos treinos seguintes (Figura 3, Gráficos A e B).

As Tabelas 3, 4 e 5 mostram a porcentagem média de atuação da jogada para cada jogador nos nove comportamentos que compõem a jogada ensaiada durante as diferentes etapas da pesquisa: nas sessões de Linha de Base e após as Sessões de Capacitação 1, 2 e 3. As Tabelas 4 e 5 mostram a realização da jogada sem defesa e a Tabela 5 da jogada com defesa.

Tabela 3 – Quadro de porcentagem média do desempenho dos atletas nos treinos sem defesa nas sessões de linha de base e após a Sessão de Capacitação 1. Nota. X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Não compareceu ao treino.

% Média de Comportamento Executados Corretamente																		
Jogadores	Linha de Base									Após Sessão de Capacitação						1 sem defesa		
	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9
J2	59	73	100	97	71	100	92	63	100	78	100	100	100	75	100	100	50	100
J3	60	100	100	81	95	100	75	75	100	66	100	X	100	X	100	100	100	100
J4	63	89	75	72	100	100	67	50	100	70	89	100	89	100	100	100	56	100
J6	48	100	93	100	100	100	50	100	100	73	100	100	100	100	100	75	100	100
J7	25	67	51	75	87	33	75	0	100	66	100	X	50	X	100	100	X	100
J8	66	50	100	50	83	100	100	50	100	70	30	100	50	37	100	100	100	100
J10	43	100	100	50	50	100	100	50	100	60	100	100	100	100	100	100	100	100
J11	62	75	100	75	75	100	100	83	100	92	100	100	87	83	100	100	100	100
J12	56	78	90	83	83	100	80	83	100	75	27	100	100	100	100	100	100	100
J14	51	25	81	22	75	41	62	29	66	74	50	25	83	75	100	100	75	100

Tabela 4 –Quadro de porcentagem média do desempenho dos atletas nos treinos sem defesa realizados após as sessões 2 e 3 de capacitação do treinador

Jogadores	Após Sessão de Capacitação 2 sem defesa									Após Sessão de Capacitação 3 sem defesa								
	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9
J2	100	100	X	100	X	100	100	100	100	—	—	—	—	—	—	—	—	—
J3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	—	—	—	—	—	—	—	—	—
J4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
J6	100	100	100	X	100	100	100	X	100	100	83	X	X	X	100	100	X	100
J7	83	25	70	50	100	100	100	75	100	—	—	—	—	—	—	—	—	—
J8	100	100	100	66	100	100	100	100	100	100	X	100	100	100	X	X	X	X
J10	83	100	100	75	100	100	100	75	100	100	100	100	X	X	100	100	100	100
J11	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	X	100	100	100	X	X	X	X
J12	66	100	100	100	100	100	100	100	100	100	X	100	100	100	X	X	100	X
J14	89	80	100	50	75	100	100	25	100	100	X	100	0	100	X	X	100	X

Nota: X = Não realizou o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino

Tabela 5 – Quadro de porcentagem média do desempenho dos atletas nos treinos com defesa

Jogadores	Após Sessão de Capacitação 2 com defesa									Após Sessão de Capacitação 3 com defesa								
	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9
J2	100	100	100	X	X	X	X	X	X	100	100	X	X	X	100	100	X	X
J3	84	85	X	100	X	100	100	X	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—
J4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4º0	X	100	0	X	X	X	X	X
J6	85	95	X	0	100	100	X	X	X	86	75	X	X	X	100	25	X	X
J7	18	X	100	0	100	X	X	0	X	52	X	80	0	75	X	X	0	X
J8	X	X	X	X	X	X	X	X	X	71	X	100	50	50	X	X	100	X
J10	100	100	X	X	X	X	X	X	X	85	100	100	X	0	100	78	X	100
J11	43	X	100	16	X	X	X	X	X	84	100	100	17	41	X	X	100	X
J12	62	X	100	X	100	X	X	X	X	86	X	100	25	50	X	X	0	X
J14	20	X	100	0	100	X	X	X	X	78	X	89	8	56	X	X	100	X

Nota:X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino

Verifica-se nas Tabelas 3 e 4 um aumento na porcentagem média de comportamentos executados corretamente, quando se compara o desempenho dos atletas na sessão de linha de base com as sessões após a capacitação. Na sessão de Linha de Base 80% dos jogadores conseguiram realizar o movimento C6 com 100% de acerto (armador recebe a bola), 90% deles realizaram corretamente o movimento C9 (armador lança a bola em direção à cesta) e 50%, o movimento C3 (lateral 1 recebe a bola). Apenas alguns jogadores conseguiram realizá-los com 100% de acerto os movimentos C2 (J3, J6 e J10), C5 (J4 e J6) e C7 (J8, J10 e J11). Apenas J6 conseguiu executar corretamente os movimentos C4 e C8. Nenhum dos atletas obteve 100% de acerto no comportamento C1 (posicionamento - três jogadores posicionados).

Após a Sessão de Capacitação 1, 100% dos jogadores conseguiram executar corretamente os movimentos C6 e C9, 80% executaram corretamente o movimento C7 (armador invade o garrafão pela frente do Lateral 2), 70% executaram corretamente o movimento C3 e 60%, o C2 (armador passa a bola para o lateral) e o C8 (lateral 2 gira a cadeira e segue o armador). Para os demais movimentos (C1, C4 e C5), observa-se que todos os jogadores apresentaram um aumento na porcentagem de acerto ver (Tabela 3).

Após a Sessão de Capacitação 2, todos os atletas executaram corretamente os movimentos C6, C7 e C9 e 70% conseguiram executar corretamente os movimentos C2, C3 e C5 ver (Tabela 4). Quanto aos demais comportamentos, a maioria dos jogadores obteve melhora. Ressalta-se que cinco atletas (J2, J3, J6, J8, J11) realizaram o comportamento C1 corretamente. J4 não participou de nenhum dos treinos após a sessão de Capacitação 2.

Finalmente, após a Sessão de Capacitação 3 sem defesa (Tabela 4), verifica-se que quatro atletas não participaram dos treinos (J2, J3, J4 e J7) e que muitos não executaram os comportamentos exigidos para a jogada durante o treino. Após a sessão de Capacitação 3, o treinador exigiu em dois dos três treinos que a jogada fosse realizada apenas com defesa. Somente na terceira sessão de treino é que houve tentativas da jogada sem defesa. Os dados referem-se, portanto, a essa sessão de treino. Apenas os atletas J6 e J10 assumiram a posição de armadores nesses treinos, o que permitiu que eles executassem todos os comportamentos exigidos pela jogada. Para os demais atletas isso não foi possível, dada a posição que ocuparam durante esse treino.

Entretanto, no comportamento C2, com exceção de J6 (83% de acerto), os jogadores tiveram 100% de acerto em todos os movimentos que lhes foi possível executar.

Para as sessões de treino realizadas com defesa (após Capacitação 2 e 3), constata-se que sete jogadores (J4, J7, J8, J12 e J14) não tiveram a oportunidade de executar 4

dos movimentos, pois não estiveram nenhuma vez na posição de armador (Tabela 5). Ao passo que J2 e J6, deixaram de executar 4 dos movimentos, por não terem ocupado as posições de laterais. Os jogadores não conseguiram chegar até o fim da jogada e com isso três movimentos não puderam ser realizados por eles (por exemplo, C7, C8 e C9). Nos treinos realizados após a sessão de Capacitação 3, observa-se que um número maior de jogadores conseguiram executar os comportamentos finais da jogada, houve também um aumento na porcentagem de acerto nos comportamentos iniciais.

No que se refere ao planejamento dos treinos, as Tabelas 6 e 7 apresentam um resumo da organização dos treinos ao longo do estudo. Observa-se que antes do início das sessões de capacitação os treinos seguiam um padrão, isto é, iniciavam com o alongamento, prosseguiam com o aquecimento (isto é, atividades aeróbicas sem o trabalho de habilidades específicas do basquete realizadas antes de uma carga esportiva, e destinadas à preparação psicofísica, coordenativa e preventiva de lesões, durante os treinos) e após, com o trabalho de habilidades específicas (por exemplo, passes de peito e picado, controle da cadeira, lances e drible); só então, havia o treino da jogada ensaiada. Finalizando com o mais uma sessão de alongamento. As habilidades específicas trabalhadas pelo treinador variavam em cada treino. Na maioria dos treinos (TR3, TR4, TR6, TR8, TR9, TR10, TR11, TR12 e TR14), foram trabalhadas habilidades relacionadas à jogada ensaiada (por exemplo, passes e corta-luz em movimentações similares às da jogada).

Nas sessões de Treino 3 e 7 (TR3 e TR7), houve ênfase no trabalho de condicionamento físico (isto é atividades que envolveram "tiros" de velocidade e nas quais havia atividade intensa seguida de pausas). Esse período marcou a volta do time de um intervalo de férias. A partir da sessão de Treino 5 (TR5), houve introdução de atividades lúdicas para o aquecimento dos atletas e da sessão de Treino 10 (TR10), houve também introdução de atividades mais complexas como, por exemplo, treinos em duplas usando-se o corta-luz. Nesse treino, ainda, os jogadores ensaiaram a jogada com o uso da defesa. Constata-se, portanto, que, em relação à estrutura do treino, não houve mudança após o início das sessões de capacitação.

Tabela 6 – Ordem de execução das atividades durante o treino

	<u>Linha de Base</u>					<u>Capacitação 1</u>			<u>Capacitação 2</u>			<u>Capacitação 3</u>		
	TR1	TR2	TR3	TR4	TR5	TR6	TR7	TR8	TR9	TR10	TR11	TR12	TR13	TR14
Alongamento Inicial	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	3/5
Aquecimento	2	2	2	X	2	2	2	2	2	1	2	X	X	1
Trabalho com Habilidade	3	3/5	3	2	3	3	3	3	3	4	3	2	2	2/4/6
Condicionamento Físico	X	X	5	3	4	4	X	X	X	3	X	X	X	X
Jogada Ensaída	4	4	4	4	5	5	4	4	4	5	4	3	3	7
Coletivo	X	X	6	5	6	6	5	5	5	6	5	4	4	8
Alongamento Final	5	6	7	6	7	7	6	6	6	7	6	5	5	9

Nota: X = não houve a atividade durante o treino.

Com relação ao tempo reservado a cada exercício também não houve mudanças expressivas após o início da capacitação. Observa-se que a duração das atividades de alongamento inicial e final foi em média de 4 minutos. O trabalho com habilidades específicas durou em média 30 minutos. Nas sessões após a Capacitação 3, o tempo usado no trabalho com habilidades específicas foi maior que nas demais sessões (43,3). Isso ocorreu em razão do trabalho com habilidades específicas ter sido usado também como forma de aquecimento para os jogadores (por exemplo, dar a volta na quadra em duplas realizando o passe de bola), o que justifica também o menor tempo na fase de aquecimento.

O tempo usado para o ensino da jogada ensaiada foi em média de 10 minutos (variando de 4 a 20 minutos). As sessões de treino realizadas após a Capacitação 1 tiveram o tempo da jogada ensaiada reduzido porque o Treino 6 foi interrompido devido à realização de uma entrevista com os jogadores e no Treino 8 apenas 5 dos 10 jogadores participaram, o que contribuiu para a redução do tempo de ensino da jogada.

Tabela 7 – Tempo médio usado em cada atividade.

Atividades	Fase do Estudo			
	<u>Linha de base</u>	<u>Capacitação 1</u>	<u>Capacitação 2</u>	<u>Capacitação 3</u>
Alongamento Inicial	4,2 min	4,6 min	4,3 min	5 min
Aquecimento	6,25 min	13,3 min	14 min	4 min
Trabalho com Habilidade	26,2 min	30,6 min	24,3 min	43,3 min
Condicionamento Físico	9,6 min	5 min	4 min	X
Jogada Ensiada	11,5 min	7,3 min	13,6 min	11 min
Coletivo	19,3 min	23,3 min	13 min	15 min
Alongamento Final	3,6 min	3,3 min	4,3 min	6 min

Nota. X= não houve atividade durante os treinos.

Conquanto a forma como os treinos foram organizados não tenha mudado, assim como o tempo em cada atividade do treino, observações mostram que as atividades pedidas pelo treinador em cada treino mudaram ao longo do período da pesquisa (ANEXO C). Nas primeiras sessões da fase de Linha de Base, por exemplo, o aquecimento envolvia atividades como dar voltas pela quadra com as cadeiras após o início da pesquisa o treinador passou a exigir a mesma tarefa, mas com variações (por exemplo, drible de cones dispostos na quadra - TR4 - ou treino de passe - TR9) que auxiliavam no ensino da jogada ensaiada.

5 DISCUSSÃO

A presente pesquisa teve por objetivo avaliar os efeitos de uma capacitação de treinadores, sobre o comportamento verbal de um treinador durante o ensino de uma jogada ensaiada para jogadores de basquete em cadeira de rodas bem como o desempenho dos atletas e as atividades realizadas durante os treinos.

Quanto às verbalizações do treinador observou-se que, à medida que os jogadores apresentaram melhora no desempenho da jogada, instruções com e sem descrição de consequências diminuíram. Ao contrário do que ocorreu no estudo de Sudo (2008), no qual houve redução na taxa de instruções sem descrição de consequências e aumento na taxa de instruções com descrição de consequências, neste estudo houve redução na taxa para ambas as categorias. Baum (1999) diz que toda instrução é uma resposta verbal que funciona como regra. No caso do treino, o jogador deve aprender e seguir para garantir o aprendizado. Segundo a teoria da análise do comportamento, as instruções que descrevem antecedentes e consequentes de uma resposta são mais eficientes para a mudança de comportamento do que as instruções que descrevem apenas a resposta (Martin, 2001). As consequências determinam se o comportamento ocorre novamente no futuro ou não, ou seja, saber identificar o que foi feito e a consequência do que foi feito influencia, de alguma forma, na repetição deste comportamento no futuro (Skinner, 1953).

Os registros usados para análise das verbalizações do treinador eram os relativos à parte do treino voltada ao ensino da jogada. Contudo, observações informais de outros momentos do treino, como, por exemplo, ensino de novas habilidades importantes para a execução da jogada ensaiada mostraram que após o início das sessões de capacitação, houve mudança na qualidade das instruções fornecidas pelo treinador. Na condição de Linha de Base, as instruções não esclareciam claramente as consequências para a execução correta do comportamento e, em algumas circunstâncias eram, inclusive, confusas, já que passavam várias informações ao mesmo tempo, por exemplo, "*_ Existem duas formas de corta-luz. Corta-luz direto e indireto. Direto é em situação onde você vai fazer o corta e é o cara que está com a bola. Então esse é um corta-luz direto. Você que tá com a bola e faz o corta-luz [...] O indireto é aquele que a gente está fazendo na jogada. O cara passa do lado o lateral vem e faz o corta-luz no cara que tá sem a bola, tá!*". Após as sessões de capacitação, as instruções passaram a esclarecer as consequências advindas do seguimentos das instruções oferecidas pelo treinador. Além disso, o treinador apresenta estímulo-modelo para os atletas: "*_ Olha, presta atenção aqui. Vocês estão trocando passes pra chegar próximo da linha onde*

vocês tem que ficar. Onde vocês tem que ficar? Atrás da linha branca. Porque tem que receber a bola antes da linha dos três pontos. Se receber a bola aqui (treinador posicionado um pouco atrás do local indicado), não devolve o passe. Solta a bola, dá um toque na cadeira e já para a cadeira aqui (posição indicada)'''

Os resultados obtidos permitem ainda constatar, que houve alterações para algumas categorias, aumento na taxa de reforços com descrição de consequência, encorajamento e redução na taxa de verbalizações punitivas. Segundo Skinner (1953), o reforço modela um repertório comportamental, aumenta a probabilidade do comportamento voltar a se repetir, aumenta a eficiência desse e o mantém fortalecido por muito tempo. Vale ressaltar que, durante essa pesquisa, observou-se uma baixa taxa de verbalizações punitivas (irônico-repressivas e corretivas). Elas diminuíram com o decorrer da pesquisa. Isso é importante, visto que comportamentos sujeitos à punição tendem a voltar a ocorrer com a remoção das consequências punitivas. Além disso, a punição não produz aprendizado de novas respostas (Martin, 2001). Pode-se observar também que durante o período da pesquisa, o treinador passou a dar mais atenção aos jogadores, ao manter-se com o olhar voltado para os movimentos dos jogadores por mais tempo durante o treino, ao participar mais ativamente dos treinos, por exemplo.

Durante uma conversa informal com o treinador sobre sua participação na capacitação, ele afirmou que esse tipo de procedimento "*[...] faz você se tocar de algumas coisas que você faz*" (sic). O treinador se referia ao uso de imagens retiradas do próprio treino e usadas para dar *feedback* da performance do treinador durante a capacitação. Estudos em diversas áreas da Psicologia fazem uso de diferentes tipos de *feedback*. No contexto esportivo, destaca a exposição de resultados (Ward & Canes, 2002), *videofeedback* (Cruz, 2000), *feedback* em ambiente natural (Sudo, 2008). Pesquisas mostram que esta técnica pode contribuir para o reforço de comportamentos apropriados emitidos pelos treinadores e chamar atenção para inadequados (Souza et al., 2009).

Com relação à jogada ensaiada, verifica-se que, nas sessões de linha de base, muitos atletas não eram capazes de executar corretamente os comportamentos exigidos para a realização apropriada da jogada. Alguns comportamentos que compunham a jogada eram mais complexos que outros (por exemplo, posicionamento *vérsus* lançar a bola para a cesta). A maioria dos atletas era capaz de executar corretamente na condição de linha de base o C6 e C9, mas a maioria deles apresentou melhora no desempenho de comportamentos mais complexos que envolviam a jogada com o início das sessões de capacitação C1, C4, C7 e C8. O aumento no número de finalizações da jogada sem defesa permite inferir que, com o

decorrer da pesquisa, houve melhora no desempenho dos atletas. Esse índice aumentou com o início da capacitação e chegou a 100% ao seu final. Deduz-se que o fato de o treinador instruir mais adequadamente durante o ensino de habilidades que compõem a jogada pode ter contribuído para essa mudança.

No jogo de basquete, as ações dos jogadores ocorrem em um alto nível de variabilidade, aleatoriedade e imprevisibilidade, o que exige dos jogadores ações táticas (Garganta, 1997). Assim, a forma como o jogador atua em um jogo coletivo está condicionada à forma como ele consegue perceber o jogo. A partir de sua visão de jogo é que ele vai poder agir, orientar-se para tomar decisões e ter uma resposta motora. Portanto, em esportes coletivos o conhecimento técnico é apenas uma parte do conhecimento da modalidade que o jogador precisa desenvolver, para que, em situação de jogo, ele seja capaz de resolver os problemas. Faz-se necessário, então, outro tipo de aprendizado que permitam aos jogadores assimilar conhecimentos dirigidos à comunicação e noção de uso do espaço de jogo, ou seja, tática de jogo. Em modalidades coletivas, a tática de jogo se apresenta em forma de jogadas ensaiadas desconhecidas pelo time adversário. Portanto, desenvolver a capacidade para jogar em modalidades coletivas implica saber o que fazer, como fazer e quando fazer. Na situação de jogo, o jogador deve ser capaz de perceber os sinais que mais se ajustam à sua forma de ação (Garganta, 1998).

Após o início das sessões de capacitação, verificou-se que os jogadores apresentaram melhora de desempenho da jogada, como indicado na Tabela 2. Os jogadores apresentaram, em conjunto, 77% de acerto na execução da jogada sem defesa até o C9 e chegaram a 100% de acertos após a terceira sessão de capacitação. Após os jogadores passaram a emitir um desempenho considerado satisfatório pelo técnico, este passou a exigir dos atletas uma atividade mais complexa, o treino da jogada com o uso da defesa. Nesses treinos (Treinos 9, 10, 11, 12, 13 e 14), verificou-se melhora no posicionamento dos atletas em quadra, embora não tenha havido aumento expressivo no número de finalizações corretas (6% da jogadas). Se o jogador se posiciona corretamente, é mais provável que ele consiga lançar a bola para o lateral de modo mais efetivo e assim sucessivamente, executando corretamente a jogada. Segundo Buceta (1998), fazer um drible ou um passe pode depender de inúmeras possibilidades de posicionamento dos jogadores de sua equipe e dos adversários em um jogo. Os comportamentos dos jogadores, durante a jogada estão interligados de maneira que para, o sucesso da jogada, além de atentar para a movimentação do time adversário os companheiros da equipe devem estar bem posicionados e executar de maneira correta seu comportamento na jogada. Segundo Cillo (2002), o fato de se posicionar de

maneira eficiente é um fator importante para a execução da jogada. Quando três ou mais jogadores dos cinco que participam da jogada se posicionam de maneira correta, a jogada pode ocorrer com mais sucesso. Neste estudo, não obstante tenha havido melhora no posicionamento, não houve mudança expressiva no que diz respeito à finalização da jogada ensaiada quando houve defesa. Isso pode ter ocorrido devido ao pequeno número de treinos com defesa, em comparação com o número de treinos sem defesa.

Cillo (2003) faz uma síntese do que vários autores escreveram sobre os tipos de comportamentos táticos e treino de jogadas ensaiadas apontando para dois tipos de repertórios comportamentais envolvidos: o técnico (movimentação, posicionamento e passe), que é diferente para cada jogador, já que cada um desempenha um papel diferente em quadra a ser executado de forma sincronizada à medida que reconhece uma situação ideal para a jogada; e o de decisões individuais que devem ser tomadas à medida que o jogador reconhece situações específicas de jogo. A diferença entre esses dois repertórios é que o primeiro refere-se ao treino que enfatiza a repetição de padrões sincronizados de movimentação de todos os jogadores e no segundo a ênfase deve estar em ensinar o atleta a variar o seu comportamento, conforme identificam situações específicas de jogo dentre uma gama de possibilidades. Como os treinos, no presente estudo enfatizaram, em sua maioria, apenas a repetição da jogada sem a defesa, quando a defesa foi colocada, os jogadores não conseguiam executar a sequência apropriada de comportamentos necessários para a execução da jogada ensaiada, o que poderia explicar a baixa porcentagem de acertos dos atletas durante os treinos com defesa.

Finalmente, quanto as atividades desenvolvidas pelo treinador, ao longo dos treinos, foram observadas mudanças em seu comportamento. As atividades passaram a ser mais elaboradas. Foram treinados comportamentos componentes da jogada, como passes, corta-luz e posicionamento. Não é possível afirmar que, devido as sessões de capacitação tenham ocorrido mudança nas atividades; contudo, as mudanças parecem ter contribuído para a melhora na realização da jogada ensaiada.

Embora os resultados obtidos nesta pesquisa indiquem direcionamentos para pesquisas futuras, algumas limitações são apontadas a seguir.

- 1 Apenas um treinador participou da pesquisa. Pesquisas futuras deveriam ter como participantes um maior número de treinadores com tempo de experiência diferente.
- 2 Periodicidade dos treinos. Os treinos estavam programados para serem realizadas duas vezes por semana, contudo, devido a outras atividades dos

jogadores (avaliação médica, física etc.), frequentemente os treinos eram cancelados, o que interferiu no andamento da pesquisa.

- 4 Assiduidade dos atletas ao treino. Os jogadores do time faziam parte de um projeto que não tinha, por objetivo primeiro, a participação em competições, fato que tornava a grande distância temporal entre eles um aspecto desmotivador para os jogadores. Durante o período da pesquisa, o jogador mais assíduo compareceu a 78% dos treinos, porém o restante do time permaneceu abaixo de 65% de frequência aos treinos.
- 5 Registro dos comportamentos. A metodologia empregada na presente pesquisa registrou e analisou o comportamento verbal do treinador e a movimentação dos atletas em quadra durante a execução da jogada. Os registros foram feitos de uma distância considerável, que não atrapalhasse o treino em quadra. A distância, contudo impediu o registro de comportamentos não verbais apresentados pelo treinador na interação com seus atletas. Esta interação seria uma rica fonte de dados para análise de comportamentos não verbais do treinador e reação dos jogadores às verbalizações do treinador, o que pode ser uma proposta para trabalhos futuros. O uso de mais câmeras, com gravação simultânea do treinador e do jogador com o qual esse se comunica auxiliaria nesta tarefa.

O desenvolvimento dos jogos competitivos adaptados e a maior chance de "profissionalização" do esporte para deficientes tornam o aprendizado de habilidades e o aperfeiçoamento de desempenho técnico/tático aspectos importantes a serem considerados nos treinos. Dessa forma, pesquisas futuras que investiguem essas questões são importantes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. & BRANDT, R. (2008). A psicologia do Esporte Aplicada a Atletas Portadores de Necessidades Especiais: Reflexões Epistemológicas, Filosóficas e Práticas. **Revista Digital** Ano 13 No 121 - Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.efdesportes.com/>>. Acesso em: 05 mar. 2009
- ANGUERA, M. T. (1999). **Observation en deporte y conducta cinésico-motriz:** aplicaciones. monografias psicologia 2. Edicions Universitat de Barcelona.
- ANGUERA, M. T.; VILLASENOR, A. B.; LOSADA LOPEZ, J. L. & HERNANDEZ Mendo, A. (2000). La metodologia observacional en el deporte: conceptos básicos. **Education Física y Deportes - Revista Digital**. ano 5, n° 24 (<http://www.sportquest.com>). Buenos Aires.
- BAUM, W. M. (1999) **Comprender o Behaviorismo Ciência, Comportamento e Cultura** Tradução de: SILVA, M. T. A.; MATOS, M. A.; TOMANARI, G. Y.; TOURINHO, E. Z.. Porto Alegre: Artmed.
- BLACK, S.J.; WEISS, M.R. (1992): The relationship among perceived coaching behaviors perceptions ability and motivation in competitive age groups swimming. **Journal of Sports & Exercise Psychology**, 14, 3, 309-25.
- BORTOLI, L.; ROBAZZA, C.; & GIABARDO, S. (1995). Young athletes' perception of coaches behavior. **Perceptual and Motor Skills**, 81, 3, 1217-8.
- BUCETA, J. M. (1998). Aprendizaje del comportamiento táctico I. **Psicología del entrenamiento deportivo**. Madri. Ed Dykinson.
- CATANIA, A. C. (1999). **Aprendizagem:** comportamento, linguagem e cognição. Porto Alegre. Artmed. 4 ed. P. 406.
- CILLO, E. N. P. (2001). Psicologia do Esporte: conceitos aplicados a partir da Análise do Comportamento. In: TEIXEIRA, A. M. S. (Org.) **Ciência do comportamento:** conhecer e avançar, v. 1, ESETEC, Santo André/SP, 119-137.
- CILLO, E. N. P. (2002). **Análise de jogo no basquetebol:** dois estudos a partir da análise do comportamento aplicada ao esporte. 96 f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil.
- CILLO, E. N. P. (2002b) Análise Tática no basquetebol a partir do seguimento de regras. In: X Encontro da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental. 2002, **Anais...** Campinas.
- CILLO, E. N. P. (2003). Análise de jogo como fonte de dados para a intervenção em Psicologia do Esporte. In: RUBIO, K.(Org.). **Psicologia do esporte aplicada**. São Paulo, Casa do Psicólogo. 33-54.
- Confederação Brasileira de Basquetebol - CBB (2004). **Regras Oficiais de Basketball**. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/conheca_basquete/conheca_basquete_regras.asp>. Acesso em: 01 abr. 2009 em

CRUZ, J. (2000) Avaliação das interações esportivas e assessoramento a treinadores de jovens desportistas. In: BECKER, B. (Org.) **Psicologia aplicada a criança no esporte**. 133-148.

ELIOTÉRIO, E. C. P., & MARINHO-Casanova, M. L. (2009). Orientação comportamental para treinadores de futebol. In: SOUZA, S. R.; HAYDU, V. B. (Org.). **Psicologia Comportamental Aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação**. (PP. 229-261). Londrina, EDUEL.

Federação internacional de basquete em cadeira de rodas - IWBF (s.d.). **Regras do jogo de basquete em cadeira de rodas**. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/conheca_basquete/conheca_basquete_regras.asp>. Acesso: em 01 abr. 2009 em

FREITAS, P. S. (1997). **Iniciação ao basquetebol sobre rodas**. Uberlândia: Breda.

GARGANTA, J. (1997). Analisar o jogo nos jogos desportivos coletivos. **Revista Horizonte**, XIV, 83, 7-14.

GARGANTA, J.; & GRÉHAIGNER, J. F.; (1998). Abordagem sistêmica do jogo de futebol. **Movimento**, 5, (10), 40-50.

GARGANTA, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. 1(1), 57-64.

GARGANTA, J. (2008). Modelação tática em jogos desportivos - A desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. In: TAVARES, F.; GRAÇA, A.; GARGANTA, J.; & MESQUITA, I. (Org.), **Olhares e Contextos da Performance nos jogos desportivos**. (pp. 108-121). Universidade do Porto: Faculdade de Desporto.

GORLA, J. I.; ARAÚJO, P. F.; CALEGARDI, D. R.; CARMINATO, R. A.; & COSTA e SILVA, A. A. (2007). A composição corporal em indivíduos com lesão medular praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, 11 (1), 39-44.

GORGATTI, M. G. (2008). Tendências competitivas de atletas no esporte adaptado. **Arquivos Sanny de Pesquisa em Saúde**, 1(1), 18-25.

GORGATTI, M. G.; & COSTA, R. F. (2005) **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. São Paulo: Manole.

GRECO, P. J. (1995) **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol**. 224f. (Tese de doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas.

GRECO, P. J. (1998). Da capacidade de jogo ao treinamento tático: o treinamento tático. In: **Iniciação esportiva universal: metodologia de iniciação esportiva na escola e no clube**. 77-91.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (1998b). Da aprendizagem motora ao treinamento técnico: conceitos e perspectiva. In: **Iniciação esportiva universal: metodologia de iniciação esportiva na escola e no clube**. 15-38.

HANRAHAN, S. J. (1998). Practical Consideration for Working With Athletes With Disabilities. **The Sport Psychologist** 12, 346-357.

HARDING, J.; WACKER, D.; BERG, W.; RICK, G.; & LEE, J. (2004). Promoting Response Variability and Stimule Generalizacion in Martial Arts Training. **Journal of Applied Behavior Analysis**, 37, 185-195.

HASELWOOD, D. M.; JOYNER, B. A.; BURKE, K. L.; GEYERMAN, C. B.; CZECH, D. R.; MUNKASY, B. A.; & ZWALD, A. D. (2005). Female athletes' perceptions of head coaches' communication competence. **Journal of Sport Behavior, Mobile**, 28, (3), 216-30.

HICKS, A. L.; MARTIN, K. A.; DITOR, D. S.; LATIMER, A. E.; CRAVEN, C.; BUGARESTI, J. & MCCRTNEY, N. (2003). Long-term exercise training in person with spinal cord injury: effects on strength, arm ergometry performance and psychological well-being. **Spinal Cord**. 41. 34-43.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 de junho de 2009 de

JACOBS, A. G. (1988). **Regras do basquetebol com tática e tecnicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ediouro.

KENOW, L.; WILLIAMS, J. M.; (1999). Coach-athlete compatibility and athlete's perception of coaching behavior. **Jornal of Sport Behavior**, 22, (2), 251-9.

LEONI, C. F.; & ZAMAI, C. A. (2006). A análise das dificuldades de cadeirantes para a prática de basquetebol em cadeiras de rodas. **Movimento e Percepção**, 6, (9) jul./dez. ISSN 1679-8678.

LIMA, P. V.; & SOUZA, S. R. (2009). O treinador esportivo e as categorias de base: os efeitos de uma intervenção sobre os comentários feitos por treinadores durante eventos competitivos. In: SOUZA, S. R.; HAYDU, V. B. (Org.). **Psicologia comportamental aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação**. (PP. 229-261). Londrina, EDUEL.

LYRA, M. J. (2009). Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/edfisica/para.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2009.

MACEDO, R. H.; SOUZA, S. R. (2009). Análise dos comentários dos treinadores durante competição infantil. In: SOUZA, S. R.; HAYDU, V. B. (Org.). **Psicologia comportamental aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação**. 229-261. Londrina: EDUEL.

MARTIN, G. L. (2001). **Consultoria em psicologia do esporte: orientações práticas em análise do comportamento**. Tradução de: Noreen Campbell de Aguirre. Campinas: IAC.

MELO JUNIOR, C. F. (2007). **Basquete: história, fundamentos e exercício**. União da Vitória, PR, Fundação Municipal Centro Universitário de União da Vitória - Uniuv.

MILLENSON, J. R. (1967). **Princípios de análise do comportamento**. Tradução de: Alina de Almeida Souza e Dione de Rezende. Brasília: Coordenada.

OLIVEIRA, J. L.; VOSER, R. C.; HERNANDEZ, A. E.; (2004). **Comparação da preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal.** Lectueas, Educación

Física y Deportes: Revista Digital, Buenos Aires, v.10, n.76. Disponível em: <<http://www.edfesportes.com>>. Acesso em: 5 mar. 2009

QUINTANA, R.; NEIVA, C. M. (2008). Fatores de risco para síndrome metabólica em cadeirantes - Jogadores de basquetebol e não praticantes. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte.** 14 (3), 188-191.

ROSE JUNIOR, D.; & LAMAS, L. (2006). Análise de jogo no basquetebol: perfil ofensivo da seleção brasileira masculina. **Revista Brasileira de Educação Física,** São Paulo, 20 (3), 165-173.

RUBIO, K. (2000). O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. In: RUBIO, Kátia (Org.), **Psicologia do Esporte:** interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo.

RUBIO, K. (2008). Entre a psicologia e o esporte: as matrizes teóricas da psicologia e sua aplicação ao esporte. **Temas psicológica.** 12 (2), 55- 74.

RUSHALL, B. S.; & SMITH, K.C. (1979). Coaching effectiveness of the quality and quantity of behavior categories in a swimming coach. **Journal of Sport Psychology,** 1, 138-150.

SCALA, C. T. (2000). Proposta de intervenção em psicologia do esporte. **Revista Brasileira de terapia comportamental e cognitiva,** 2, (1), 53-59.

SCARPELLI, P. B.; COSTA, C. E.; SOUZA, S. R. (2006). Treino de mães na interação com os filhos durante a realização da tarefa escolar. **Estudos de Psicologia,** São Paulo, 23, (1), 55-65.

SERPA, S. (1996). A relação treinador-atleta. In: CRUZ, J. (Org.), **Manual de Psicologia do Desporto** (pp. 411-423). Lisboa: S.H.O.

SKINNER, B. F. (1953/1998). **Ciência e Comportamento Humano.** Tradução de: João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi, São Paulo, Martins Fontes.

SMITH, R.; SMOLL, L. F., & CURTIS, B. (1979). Coach Effectiveness Training: a cognitive behavioral approach to enhancing relationship skills in youth sport coaches. **Journal of Sports Psychology,** 59-75.

SMITH, R.; SMOLL, L. F., & HUNT, B. (1977). A System for the behavioral assessment of athletic coaches. **Research Quaterly,** 48,401-407.

SOUZA, S. R.; SERPA, S.; COLAÇO, C., & CANATO, T. (2009). A percepção de atletas de diferentes categorias do futebol sobre o comportamento dos treinadores: comportamento percebido e ideal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** 23, 155-170.

SOUZA, S. R.; SUDO, C. H.; BATISTELA, S. (2008). Treinamento de mães: instruções e fichas no auxílio à tarefa escolar. **Contextos Clínicos,** 1, 113-124.

SOUZA, S. R.; MATOS, A. D.; CANATO, T.; BUSTO, R. M.; MEDOLA, F. O., & PATROCINIO, G. S. (2007). Análise dos motivos que levam adultos com lesão medular à prática do basquete. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Londrina, **Anais...** outubro 2007.

SOUZA, S. R. (2003). O Que é Psicologia do Esporte?. In: COSTA, C. E.; LUZIA, J. C.; SANT'ANA, H. H. N. (Org.), **Primeiros passos em análise do comportamento e cognição**. (PP. 161-1661) Santo André: ESETec.

SUDO, C. H. (2008). **Avaliação de um programa de capacitação de treinadores para a utilização de estabelecimento de metas no esporte**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SUDO, C. H., SOUZA, S. R.; COSTA, C. E., (2006) Instrução e Modelação no Treinamento de Mães no Auxílio à Tarefa Escolar. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 8, (1), 59-72.

WARD, P.; CARNES, M. (2002). Effects of Posting Self-set Goals on Collegiate Football Players Skill Execution During Practice and Games. **Journal of Applied Behavior Analysis**. 35, (1), 1-12.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. (2001). **Fundamentos da psicologia de esporte e do exercício**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados senhores:

Esta pesquisa tem por objetivo observar o comportamento de atletas praticantes da modalidade esportiva basquetebol, no momento do treino e no momento do jogo competitivo. Nosso interesse é de estudar os comportamentos destes atletas em diferentes contextos para que possamos compreender em que situações eles ocorrem e assim colaborar para a melhoria da relação do comportamento do treino para a competição. Assim, vocês devem estar cientes que:

- 1 O objetivo da pesquisa é observar se o comportamento que é treinado é transferido para outro contexto esportivo: a competição. Para isso, treinos e jogos competitivos serão filmados.
- 2 Serão feitas duas cópias de cada filme produzido. Um para uso da pesquisadora e outro para a responsável pelo time. As cópias da pesquisadora são destruídas após a publicação do trabalho.
- 3 Somente pesquisadores e observadores treinados terão acesso às imagens.
- 4 O procedimento não constitui risco para a integridade física ou moral dos participantes. Além disso, os participantes poderão abandonar o procedimento a qualquer momento se achar conveniente, sem qualquer prejuízo em relação a sua permanência no time.
- 5 Os resultados da pesquisa serão divulgados em publicações e eventos científicos, respeitando o sigilo quanto a seus dados confidenciais.
- 6 Ao final da pesquisa será agendada uma reunião com todos os participantes na qual serão apresentados os resultados obtidos.
- 7 Caso necessite, você poderá entrar em contato com os pesquisadores pelo telefone 3371-4227 (Silvia Souza) ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UEL (todas as quintas-feiras, telefone 3371-2490).

Sendo assim, solicitamos o seu consentimento para a participação nesta pesquisa.

Eu, _____, portador do R.G. _____ declaro que estou ciente dos itens deste termo e concordo em participar desta pesquisa.

Londrina, _____ de _____ de 200 .

Profa.SilviaReginadeSouza
Orientadora da Pesquisa

Ticiana Siqueira Ferreira
Pesquisadora (43) 9914-6661

Universidade Estadual de Londrina - Rod. Celso Garcia Cid (PR 445), km 380. Centro de Ciências Biológicas - Depto. de Psicologia Geral e Análise do Comportamento.

APÊNCIDE B

Folha de registro de frequência de verbalizações do treinador.

REGISTRO DE EVENTO

Treino No: _____ **Data:** _____

Início do treino do comportamento-alvo: _____ Término: _____

Duração: _____

No de tentativas de execução da jogada: _____

Definição do comportamento do treinador: classificar e registrar a frequência das verbalizações do treinador durante o treino de uma jogada ensaiada para os atletas.

V1	Instrução parcial	V5	Correção com descrição de consequência
V2	Instrução com definição de consequência	V6	Elogio parcial
V3	Encorajamento	V7	Elogio descritivo
V4	Correção parcial	V8	Punição

Cpto	Frequência durante o treino
V1	
V2	
V3	
V4	
V5	
V6	
V7	
V8	

APÊNDICE C

Folha de registro de frequência de treino da jogada.

REGISTRO DE EVENTO

Treino No: _____ **Data:** _____

Início do treino do comportamento-alvo: _____ Término: _____

Duração: _____

No total de tentativas de execução da jogada: _____

Definição da jogada: três jogadores devem se posicionar corretamente próximo ao garrafão. Um (armador) ao centro e dois (os laterais) nas extremidades laterais da quadra. O armador deve escolher um dos laterais e lançar a bola. O lateral que não tiver a posse da bola deve fazer o corta-luz em frente ao armador. O lateral com a posse de bola lança a bola de volta para o armador que usa a proteção do corta-luz para invadir o garrafão pela frente do lateral e arremessar a bola em direção a cesta.

CO1	Os três jogadores posicionados	CO6	Armador recebe a bola
CO2	Armador passa a bola para um lateral	CO7	Armador invade o garrafão pela frente do lateral 2
CO3	Lateral 1 recebe a bola	CO8	Lateral 2 gira a cadeira e segue o armador
CO4	Lateral 2 faz corta-luz	CO9	Armador lança a bola para a cesta
CO5	Lateral 1 devolve a bola para o armador		

ANEXOS

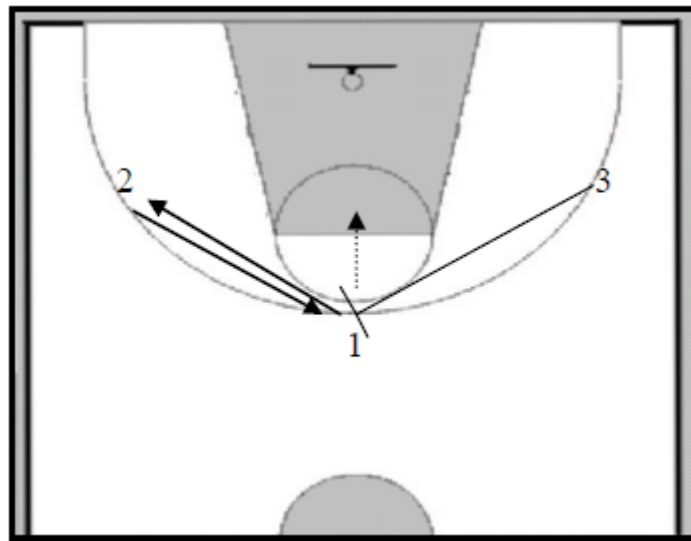
ANEXO A

Exemplo de jogada ensaiada. Jogada A

Exemplo de jogada ensaiada. Jogada "A"

Contra defesa individual

Observação: movimentação longa, onde todos devem se deslocar rápido e buscar o espaço vazio.



Posicionamento e movimentação:

Jogador 1- passa a bola para 2;

Jogador 3- vai fazer corta-luz no 1;

Jogador 2- repassa a bola para 1 e mantém posição;

Jogador 1 - invade o garrafão e lança a bola para a cesta.

Legenda:

(.....→)- passe

(———|)- corta-luz

ANEXO B

Quadro de desempenho dos jogadores durante o treino da jogada.

J2	Linha de Base										Sessão 1				Sessão 2						Sessão 3													
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*	
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%		
C1	8/10	44	5/7	71	10/14	71	3/6	50	3/5	60	-		10/13	77	4/5	80	-				5/5	100	7/7	100	-		9/9	100	-		-		-	
C2	6/6	100	2/3	66	2/4	50	1/2	50	1/1	100	-		2/2	100	2/2	100	-				3/3	100	4/4	100	-		9/9	100	-		-		-	
C3	5/5	100	1/1	100	5/5	100	3/3	100	X		-		2/2	100	1/1	100	-				X		2/2	100	-		X		-		-		-	
C4	6/7	85	3/3	100	4/4	100	1/1	100	3/3	100	-		2/2	100	2/2	100	-				2/2	100	X	100	-		X		-		-		-	
C5	1/3	33	1/1	100	2/4	50	3/3	100	X		-		1/2	50	1/1	100	-				X		X		-		X		-		-		-	
C6	5/5	100	2/2	100	4/4	100	2/2	100	1/1	100	-		2/2	100	2/2	100	-				1/1	100	X		-		2/2	100	-		-		-	
C7	3/5	60	2/2	100	4/4	100	2/2	100	1/1	100	-		2/2	100	2/2	100	-				1/1	100	X		-		1/1	100	-		-		-	
C8	0/4	0	2/3	66	5/5	100	1/1	100	1/2	50	-		-		1/2	50	-				1/1	100	X		-		X		-		-		-	
C9	4/4	100	2/2	100	4/4	100	2/2	100	X		-		2/2	100	2/2	100	-				1/1	100	X		-		X		-		-		-	

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamento em que a jogada foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

J3	Linha de Base										Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3										
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	
C1	4/8	50	4/7	57	9/13	70	4/6	66	3/5	60	2/3	66	-	-	-	-	-	-	3/3	100	7/9	78	11/12	91	-	-	-	-	-	-			
C2	4/4	100	4/4	100	2/2	100	2/2	100	1/1	100	1/1	100	-	-	-	-	-	-	1/1	100	4/5	80	11/12	91	-	-	-	-	-	-			
C3	1/1	100	1/1	100	4/4	100	1/1	100	4/4	100	X	-	-	-	-	-	-	-	1/1	100	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-			
C4	3/3	100	1/2	50	3/4	75	3/3	100	X	-	2/2	100	-	-	-	-	-	-	1/1	100	X	-	1/1	100	-	-	-	-	-	-			
C5	1/1	100	1/1	100	3/4	75	1/1	100	2/2	100	X	-	-	-	-	-	-	-	1/1	100	X	-	X	-	-	-	-	-	-				
C6	1/1	100	1/1	100	4/4	100	2/2	100	1/1	100	1/1	100	-	-	-	-	-	-	1/1	100	1/1	100	8/8	100	-	-	-	-	-	-			
C7	0/1	0	1/1	100	3/4	75	2/2	100	1/1	100	1/1	100	-	-	-	-	-	-	1/1	100	1/1	100	8/8	100	-	-	-	-	-	-			
C8	0/2	0	2/2	100	3/3	100	2/2	100	X	-	2/2	100	-	-	-	-	-	-	0/1	0	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-			
C9	1/1	100	2/2	100	4/4	100	2/2	100	1/1	100	1/1	100	-	-	-	-	-	-	1/1	100	1/1	100	X	-	-	-	-	-	-	-			

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamento em que a jogada foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

J4	Linha de Base										Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3										
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	
C1	4/6	67	5/8	62	-		-		3/5	60	2/3	66	10/16	62	4/5	80	-		-		-		-		2/5	40	-		-		-		
C2	2/2	100	2/3	66	-		-		2/2	100	1/1	100	2/3	67	3/3	100	-		-		-		-		X		-		-		-		
C3	X		1/2	50	-		-		1/1	100	1/1	100	3/3	100	1/1	100	-		-		-		-		2/2	100	-		-		-		
C4	4/4	100	2/3	66	-		-		1/2	50	1/1	100	2/3	67	1/1	100	-		-		-		-		0/3	0	-		-		-		
C5	X		2/2	100	-		-		1/1	100	1/1	100	2/2	100	1/1	100	-		-		-		-		X		-		-		-		
C6	2/2	100	2/2	100	-		-		1/1	100	1/1	100	3/3	100	3/3	100	-		-		-		-		X		-		-		-		
C7	1/2	50	1/2	50	-		-		1/1	100	1/1	100	3/3	100	3/3	100	-		-		-		-		X		-		-		-		
C8	0/4	0	1/2	50	-		-		1/1	100	0/1	0	2/3	67	1/1	100	-		-		-		-		X		-		-		-		
C9	2/2	100	1/1	100	-		-		1/1	100	1/1	100	3/3	100	3/3	100	-		-		-		-		X		-		-		-		

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamento em que a jogada foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

J6	Linha de Base										Sessão 1				Sessão 2								Sessão 3												
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*		
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%			
C1	3/6	50	3/7	43	-	-	-	-	2/4	50	2/3	66	-	-	4/5	80	-	-	-	-	3/3	100	5/5	100	7/10	70	-	-	10/14	72	7/7	100	3/3	100	
C2	2/2	100	2/2	100	-	-	-	-	2/2	100	1/1	100	-	-	2/2	100	-	-	-	-	1/1	100	2/2	100	9/10	90	-	-	5/10	50	5/6	83	3/3	100	
C3	4/4	100	5/5	100	-	-	-	-	1/1	100	2/2	100	-	-	2/2	100	-	-	-	-	2/2	100	X	-	X	-	-	X	-	X	-	X	-	X	
C4	X	-	X	-	-	-	-	-	1/1	100	X	-	-	-	1/1	100	-	-	-	-	X	-	0/3	0	X	-	-	X	-	X	-	X	-	X	
C5	4/4	100	4/4	100	-	-	-	-	1/1	100	2/2	100	-	-	2/2	100	-	-	-	-	2/2	100	X	-	2/2	100	-	-	X	-	X	-	X	-	X
C6	2/2	100	2/2	100	-	-	-	-	1/1	100	1/1	100	-	-	2/2	100	-	-	-	-	1/1	100	X	-	1/1	100	-	-	3/3	100	2/2	100	3/3	100	
C7	1/2	50	2/2	100	-	-	-	-	0/1	0	1/1	100	-	-	1/2	50	-	-	-	-	1/1	100	X	-	X	-	-	0/3	0	2/2	100	2/4	50		
C8	X	-	X	-	-	-	-	-	1/1	100	X	-	-	-	1/1	100	-	-	-	-	X	-	X	-	X	-	-	X	-	X	-	X	-	X	
C9	2/2	100	2/2	100	-	-	-	-	1/1	100	1/1	100	-	-	2/2	100	-	-	-	-	1/1	100	X	-	X	-	-	-	-	2/2	100	1/1	100		

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamento em que a jogada foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

J7	Linha de Base										Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3											
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*	
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%		
C1	2/10	20	-		-		4/13	31			2/3	66	-		-		4/6	66	X		3/3	100	0/1	0	3/8	37	2/4	50	6/11	55	-		-	
C2	3/5	60	-		-		3/4	75			1/1	100	-		-		1/2	50	X		0/1	0	X		X		X		X		-		-	
C3	3/8	37	-		-		2/3	66			X		-		-		2/5	40	X		1/1	100	X		3/3	100	1/1	100	4/5	80	-		-	
C4	X		-		-		3/4	75			1/2	50	-		-		0/2	0	X		1/1	100	0/2	0	0/5	0	0/3	0	0/4	0	-		-	
C5	3/4	75	-		-		1/1	100			X		-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		3/3	100	1/1	100	3/6	50	-		-	
C6	0/2	0	-		-		2/3	66			1/1	100	-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		X		X		X		-		-	
C7	1/2	50	-		-		2/2	100			1/1	100	-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		X		X		X		-		-	
C8	X		-		-		0/3	0			X		-		-		1/2	50	X		1/1	100	0/1	0	X		X		0/1	0	-		-	
C9	2/2	100	-		-		2/2	100			1/1	100	-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		X		X		X		-		-	

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamento em que a jogada foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

J8	Linha de Base										Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3										
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	
C1	4/10	40	4/7	57	-		9/9	100	-		2/3	66	9/12	75	-		6/6	100	X		-		-		-		-		2/2	100	5/7	71	
C2	1/2	50	1/2	50	-		2/4	50	-		0/1	0	3/5	60	-		2/2	100	X		-		-		-		-		X		X		
C3	2/2	100	4/4	100	-		2/2	100	-		1/1	100	4/4	100	-		2/2	100	X		-		-		-		-		1/1	100	4/4	100	
C4	1/2	50	0/1	0	-		3/3	100	-		0/1	0	2/2	100	-		2/3	66	X		-		-		-		-		1/1	100	1/2	50	
C5	1/2	50	2/2	100	-		2/2	100	-		0/1	0	3/4	75	-		2/2	100	X		-		-		-		-		1/1	100	1/2	50	
C6	2/2	100	2/2	100	-		2/2	100	-		1/1	100	4/4	100	-		2/2	100	X		-		-		-		-		X		X		
C7	2/2	100	2/2	100	-		2/2	100	-		1/1	100	4/4	100	-		2/2	100	X		-		-		-		-		X		X		
C8	0/2	0	1/2	50	-		3/3	100	-		0/1	0	2/2	100	-		2/2	100	X		-		-		-		-		X		1/1	100	
C9	2/2	100	2/2	100	-		2/2	100	-		1/1	100	4/4	100	-		2/2	100	X		-		-		-		-		X		X		

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamento em que a jogada foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

J10	Linha de Base										Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3											
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*	
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%		
C1	-		-		-		-		3/7	43	2/3	66	-		-		4/6	66	X		3/3	100	3/3	100	-		8/10	80	10/11	90	2/2	100	6/7	86
C2	-		-		-		-		2/2	100	1/1	100	-		-		3/3	100	X		2/2	100	4/4	100	-		10/10	100	10/10	100	2/2	100	5/5	100
C3	-		-		-		-		3/3	100	1/1	100	-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		-		X		X		1/1	100	4/4	100
C4	-		-		-		-		1/2	50	1/1	100	-		-		1/2	50	X		1/1	100	X		-		X		X		X		X	
C5	-		-		-		-		1/2	50	1/1	100	-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		-		X		X		X		0/1	0
C6	-		-		-		-		2/2	100	1/1	100	-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		-		1/1	100	6/7	86	2/2	100	X	
C7	-		-		-		-		2/2	100	0/1	0	-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		-		X		4/7	57	2/2	100	2/2	100
C8	-		-		-		-		1/2	50	1/1	100	-		-		1/2	50	X		1/1	100	X		-		X		X		2/2	100	X	
C9	-		-		-		-		2/2	100	1/1	100	-		-		2/2	100	X		1/1	100	X		-		X		1/1	100	2/2	100	X	

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamento em que a jogada foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino

J11	Linha de Base										Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3											
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*	
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%		
C1	-		3/7	42	-		5/6	83	-		3/3	100	9/12	75	5/5	100	6/6	100	1/1	100	6/6	100	6/7	86	8/11	73	7/9	78	10/11	91	2/2	100	5/6	83
C2	-		2/2	100	-		1/2	50	-		1/1	100	4/4	100	2/2	100	2/2	100	X		1/1	100	X		X		X		X		X		1/1	100
C3	-		1/1	100	-		2/2	100	-		2/2	100	1/1	100	1/1	100	3/3	100	X		1/1	100	2/2	100	7/7	100	6/6	100	4/4	100	1/1	100	1/1	100
C4	-		3/3	100	-		1/2	50	-		X		3/4	75	1/1	100	2/2	100	0/1	0	4/4	100	1/3	33	0/1	0	0/3	0	3/6	50	1/1	100	0/3	0
C5	-		1/1	100	-		1/2	50	-		1/2	50	3/3	100	2/2	100	2/2	100	X		1/1	100	X		1/3	33	1/3	33	2/4	50	1/1	100	X	
C6	-		2/2	100	-		2/2	100	-		1/1	100	4/4	100	2/2	100	2/2	100	X		2/2	100	X		X		X		X		X		X	
C7	-		2/2	100	-		2/2	100	-		1/1	100	4/4	100	2/2	100	2/2	100	X		2/2	100	X		X		X		X		X		X	
C8	-		2/3	66	-		3/3	100	-		X		4/4	100	1/1	100	2/2	100	X		3/3	100	X		X		X		X		X		1/1	100
C9	-		2/2	100	-		2/2	100	-		1/1	100	4/4	100	2/2	100	2/2	100	X		2/2	100	X		X		X		X		X		X	

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamentos em que a jogadora foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

J12	Linha de Base										Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3											
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*	
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%		
C1	-		1/3	33	9/14	64	8/13	61	2/3	66	2/3	66	11/13	85	-		-		-		2/3	66	4/8	50	3/4	75	-		-		2/2	100	6/7	86
C2	-		X		3/5	60	3/4	75	1/1	100	0/1	0	5/9	55	-		-		-		1/1	100	X		X		-		-		X		X	
C3	-		1/1	100	4/4	100	3/5	60	1/1	100	1/1	100	2/2	100	-		-		-		1/1	100	4/4	100	X		-		-		1/1	100	2/2	100
C4	-		X		2/4	50	3/3	100	1/1	100	1/1	100	2/2	100	-		-		-		1/1	100	X		X		-		-		1/1	100	1/4	25
C5	-		X		2/4	50	4/4	100	1/1	100	1/1	100	2/2	100	-		-		-		1/1	100	2/2	100	X		-		-		1/1	100	1/2	50
C6	-		X		4/4	100	1/1	100	1/1	100	1/1	100	1/1	100	-		-		-		1/1	100	X		X		-		-		X		X	
C7	-		X		2/5	40	1/1	100	1/1	100	1/1	100	1/1	100	-		-		-		1/1	100	X		X		-		-		X		X	
C8	-		X		2/4	50	2/2	100	1/1	100	1/1	100	1/1	100	-		-		-		1/1	100	X		X		-		-		1/1	100	0/1	0
C9	-		X		4/4	100	1/1	100	1/1	100	1/1	100	1/1	100	-		-		-		1/1	100	X		X		-		-		X		X	

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamento em que a jogada foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

J14	Linha de Base										Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3											
	TR1		TR2		TR3		TR4		TR5		TR6		TR7		TR8		TR9		TR9*		TR10		TR10*		TR11*		TR12*		TR13*		TR14		TR14*	
	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%	C/T	%		
C1	-		3/7	43	6/13	46	5/9	55	3/5	60	2/3	66	5/6	83	-		7/9	78	0/1	0	5/5	100	1/3	33	2/7	29	7/10	70	10/13	77	2/2	100	6/7	86
C2	-		2/4	50	2/4	50	0/3	0	0/2	0	1/1	100	0/1	0	-		3/5	60	X		1/1	100	X		X		X		X		X		X	
C3	-		1/1	100	4/4	100	3/4	75	1/2	50	0/1	0	1/2	50	-		2/2	100	1/1	100	1/1	100	X		1/1	100	5/5	100	2/3	66	1/1	100	3/3	100
C4	-		0/2	0	2/5	40	1/2	50	0/1	0	1/1	100	2/3	67	-		1/2	50	X		1/2	50	0/2	0	0/3	0	0/4	0	1/4	25	0/1	0	0/2	0
C5	-		1/1	100	2/4	50	2/2	100	1/2	50	1/1	100	1/2	50	-		1/2	50	1/1	100	1/1	100	X		1/1	100	2/3	67	1/1	100	1/1	100	0/2	0
C6	-		1/3	33	4/4	100	1/3	33	0/1	0	1/1	100	1/1	100	-		2/2	100	X		1/1	100	X		X		X		X		X		X	
C7	-		0/3	0	2/4	50	2/2	100	1/1	100	1/1	100	1/1	100	-		2/2	100	X		1/1	100	X		X		X		X		X		X	
C8	-		0/1	0	2/3	66	1/2	50	0/1	0	1/1	100	1/2	50	-		1/2	50	X		0/1	0	X		X		X		1/1	100	1/1	100	X	
C9	-		3/3	100	3/3	100	0/1	0	1/0	100	1/1	100	1/1	100	-		1/1	100	X		1/1	100	X		X		X		X		X		X	

Legenda: J2, J3, J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, J14 = Identificação de cada jogador; C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 = Nomenclatura dos comportamentos em que a jogadora foi desmembrada; X = Não realizou nenhuma vez o comportamento durante o treino; - = Ausente no treino.

ANEXO C

Descrição dos treinos

LINHA DE BASE									
Treino 1		Treino 2		Treino 3		Treino 4 (Tira- dúvidas)		Treino 5	
Atividade	Tempo	Atividade	Tempo	Atividade	Tempo	Atividade	Tempo	Atividade	Tempo
Alongamento	5 min.	Alongamento	5 min.	Alongamento	3 min.	Alongamento	4 min.	Alongamento	4 min.
Aquecimento	5 min.	Aquecimento	5 min.	Aquecimento	10 min.	Trabalho de Habilidade (recepção e aproveitamento)	24 min.	Aquecimento (Pega- pega)	5 min.
Trabalho de Habilidades	12 min.	Trabalho de Habilidades	12 min.	Trabalho com Habilidades Anteriormente Ensinada (passes e corta-luz)	21 min.	Trabalho de Condicionamento Físico (velocidade)	6 min.	Treino de Habilidades com a cadeira (Pega- pega de costas, após movendo a cadeira com apenas uma mão)	15 min.
Trabalho com Habilidades Anteriormente Ensinada ()	10 min.	Jogada Ensaaiada	10 min.	Jogada Ensaaiada	10 min.	Jogada Ensaaiada	8 min.	Treino de Habilidades (quicar a bola com uma mão)	16 min.
Jogada Ensaaiada	10 min.	Trabalho com Habilidades Anteriormente Ensinada (lance livre)	10 min.	Trabalho de condicionamento e atenção	20 min.	Coletivo	16 min.	Treino de Habilidades com a cadeira (contornar cones e lances)	10 min.
Alongamento	5 min.	Alongamento	5 min.	Coletivo em meia quadra	20 min.	Alongamento	3 min.	Treino de Velocidade e resistência	3 min.
				Alongamento	2 min.			Jogada Ensaaiada	9 min.
								Coletivo	22 min.
								Alongamento	3 min.

Resumo dos treinos durante a Linha de Base.

Legenda: min = tempo em minutos.

APÓS SESSÃO DE CAPACITAÇÃO 1					
Treino 6		Treino 7		Treino 8	
Atividade	Tempo	Atividade	Tempo	Atividade	Tempo
Alongamento	3 min.	Alongamento	7 min.	Alongamento	4 min.
Aquecimento (Em duplas, impulso na cadeira e passe picado para o jogador na outra extremidade da quadra)	15 min.	Aquecimento (Correr com a cadeira em diferentes posições pela quadra)	6 min.	Aquecimento - controle de bola e da cadeira (Bater bola entre os cones olhando pra frente)	19 min.
Trabalho de Habilidades Atenção e velocidade (Formando um círculo e usando duas bolas os jogadores lançavam a bola para o seguinte e mudavam de posição)	12 min.	Trabalho de Habilidades – controle da cadeira (correr pela quadra com a cadeira de costas, usando apenas uma das mãos, usando a mão do lado contrario.)	20 min.	Treino de Habilidade – passes (driblar cones em velocidade e fazer lance)	15 min.
Trabalho com Habilidades Troca de Passes e velocidade (Jogadores formando um círculo no centro da quadra trocam passes, outros posicionados no fundo da quadra davam a volta no círculo)	10 min.	Trabalho de Habilidades – controle da cadeira (seguir os comandos do treinador para movimentar a cadeira)	7 min.	Treino de Habilidade – passes (driblar contornando os cones em zig-zag, passe de peito para o treinador, receber bola e fazer lance)	15 min.
Trabalho com Habilidades Troca de Passes (Treinador fica no centro do círculo tentando atrapalhar a troca de passes entre os jogadores)	13 min.	Jogada Ensaaiada	10 min.	Jogada Ensaaiada	10 min.
Treino de velocidade (Correr até cada uma das linhas da quadra e voltar para a linha de fundo)	5 min.	Coletivo em meia quadra	20 min.	Coletivo em meia quadra	5 min.
Jogada Ensaaiada	5 min.	Alongamento	2 min.	Alongamento	3 min.
Coletivo quadra inteira	25 min.				
Alongamento	5 min.				

Resumo dos treinos durante a Linha de Base.

Legenda: min = tempo em minutos.

APÓS SESSÃO DE CAPACITAÇÃO 2					
Treino 9		Treino 10		Treino 11	
Atividade	Tempo	Atividade	Tempo	Atividade	Tempo
Alongamento	4 min.	Aquecimento (Handball com as traves ao contrário)	13 min.	Alongamento	6 min.
Aquecimento – passe de bola e movimentação com a cadeira	25 min.	Alongamento	3 min.	Aquecimento (troca de passes de peito entre os jogadores)	4 min.
Trabalho de Habilidades – sair do fundo da quadra, passar a bola para um jogador,	12 min.	Atividade Aeróbica (correr até as linhas da quadra e voltar para a linha de fundo)	4 min.	Trabalho com Habilidades Anteriormente Ensinada (corta-luz em duplas até o garrafão um jogador faz o corta-luz e o seguinte lança a bola pra cesta)	21 min.
Trabalho com Habilidades Anteriormente Ensinada (Drible, alternando as mãos)	20 min.	Trabalho com Habilidades Anteriormente Ensinada (corta-luz em duplas até o garrafão um jogador faz o corta-luz e o seguinte lança a bola pra cesta)	23 min.	Trabalho com Habilidades (passe cruzado em trio)	7 min.
Jogada Ensaaiada	9 min.	Jogada Ensaaiada	6 min.	Jogada Ensaaiada	11 min.
Coletivo em meia quadra	10 min.	Coletivo	15 min.	Coletivo em meia quadra	14 min.
Alongamento	5 min.	Alongamento	5 min.	Alongamento	3 min.

Resumo dos treinos durante a Linha de Base.

Legenda: min = tempo em minutos.

APÓS SESSÃO DE CAPACITAÇÃO 3					
Treino 12		Treino 13		Treino 14	
Atividade	Tempo	Atividade	Tempo	Atividade	Tempo
Alongamento	5 min.	Alongamento	2 min.	Aquecimento (correr com a cadeira ao redor de cones dispostos no meio da quadra passando a bola)	4 min.
Trabalho de Habilidades (troca de passe de peito, picado e por cima da cabeça em dupla)	8 min.	Trabalho com Habilidade Anteriormente Ensinada (bater a bola olhando pra frente, alterando a altura do drible, mudando a mão, com as duas mãos ao mesmo tempo)	16 min.	Trabalho com Habilidade Anteriormente Ensinada (um jogador no centro da quadra troca passes com os demais que passam por ele)	6 min.
Trabalho com Habilidade Anteriormente Ensinada (passes e passe cruzado com lance para a cesta)	15 min.	Trabalho de Habilidades – velocidade (driblar o cone quicando a bola e trocando de mão)	14 min.	Alongamento	3 min.
Treino de Habilidade (saída em oito, em trios os jogadores driblam uns aos outros pro trás formando um oito)	12 min.	Jogada Ensaçada	13 min.	Trabalho com Habilidade (troca de passes e deslocamentos com a cadeira)	4 min.
Trabalho com Habilidade (um jogador sai de uma extremidade da quadra, dribla o cone e lança para a cesta)	21 min.	Coletivo	21 min.	Alongamento (finalização)	5 min.
Jogada Ensaçada	10 min.	Alongamento	3 min.	Trabalho com Habilidade Anteriormente Ensinada (drible em oito, alterando a distância)	30 min.
Coletivo	14 min.			Trabalho com Habilidade Anteriormente Ensinada (troca de passes na área do garrafão, receber a bola e lançar para a cesta)	4 min.
Alongamento	5 min.			Jogada Ensaçada	9 min.
				Coletivo	10 min.
				Alongamento	10 min.

Resumo dos treinos durante a Linha de Base.

Legenda: min = tempo em minutos.